

VAGNER NOVAES TRANCHE

**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO COMPORTAMENTO DE ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Estudo de caso em escolas da Zona Leste de São Paulo

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
São Paulo, 2008.**

VAGNER NOVAES TRANCHE

**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO COMPORTAMENTO DE ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Estudo de caso em escolas da Zona Leste de São Paulo

Dissertação apresentada ao programa de mestrado em Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Laurindo “Lalo” Leal Filho.

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
São Paulo, 2008.**

VAGNER NOVAES TRANCHE

**A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO COMPORTAMENTO DE ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Estudo de caso em escolas da Zona Leste de São Paulo

Data do Exame: ____/____/____

Banca Examinadora:

Professora Dra. Maria José Guerra

Professor Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho

Professor Dr. Laurindo Leal Filho

Dedico este trabalho:

À minha amada esposa Beatriz, companheira de todos os momentos, pelo carinho, paciência e estímulos nos momentos de dificuldade.

À Heloísa, minha pequena princesa que, sem qualquer esforço, mostra diariamente como é bom viver e ser feliz.

Homenagem:

À minha mãe, Maria Aparecida, pelo carinho com o qual me direcionou na caminhada da existência.

Ao “Seu Dé”, meu grande pai, pelo exemplo de luta, honestidade e companheirismo.

Agradecimentos

Chegar à conclusão de mais uma etapa é um momento muito gratificante! No entanto, se chegamos ao fim, foi porque contamos com a ajuda e apoio de muitas pessoas. O meu reconhecimento e agradecimento a cada um de vocês que, de diferentes maneiras, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Ao Professor Dr. Laurindo “Lalo” Leal Filho, pelas orientações que tornaram possível a concretização desta pesquisa.

À Professora Dra. Maria José Guerra e ao Professor Dr. Cláudio Novaes, pelas contribuições para a melhoria do trabalho ora apresentado

Aos amigos Adriano Batista, Kátia Pellicci, Etiennie Pimenta e Cláudio Kinjo, pelas divisórias geniais, a revisão ortográfica e gramatical realizada com tamanho primor, a ajuda na composição dos gráficos e a paciência para escutar-me quando foi necessário.

Ao corpo docente do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero pelo conhecimento compartilhado neste importante período de minha vida.

Aos amigos de jornada Elisete, Patrícia, Liliane, Edmundo, Claudia, Ana Lúcia, Takeda, Tatiana, Ester, Carlos, Dorneles e Celso pelos momentos de descontração e boas risadas na hora do cafezinho (e também em sala de aula).

Aos amigos da secretaria que formam uma equipe de primeira: Gislene, Nalva, Jairo e Daniel. Obrigado pela atenção e carinho no trato para com os alunos: o profissionalismo de vocês faz a diferença.

A todas as crianças e adolescentes, que com seus depoimentos deram “vida” a este trabalho, tornando-o real.

À Professora Cacilda, diretora do Colégio Escrevivendo e Professor Alexandre, coordenador pedagógico da E.E. Jardim Beatriz, por abrirem as portas das instituições de ensino para a realização deste trabalho.

E acima de tudo, agradeço a Deus, por toda serenidade e sabedoria nos momentos difíceis.

“À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa.”

Octavio Ianni

TRANCHE, Vagner Novaes. **A influência da televisão no comportamento de estudantes do ensino fundamental: Estudo de caso em escolas da Zona Leste de São Paulo.** Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, sob a orientação do Professor Dr. Laurindo “Lalo” Leal Filho. São Paulo, 2008.

Resumo:

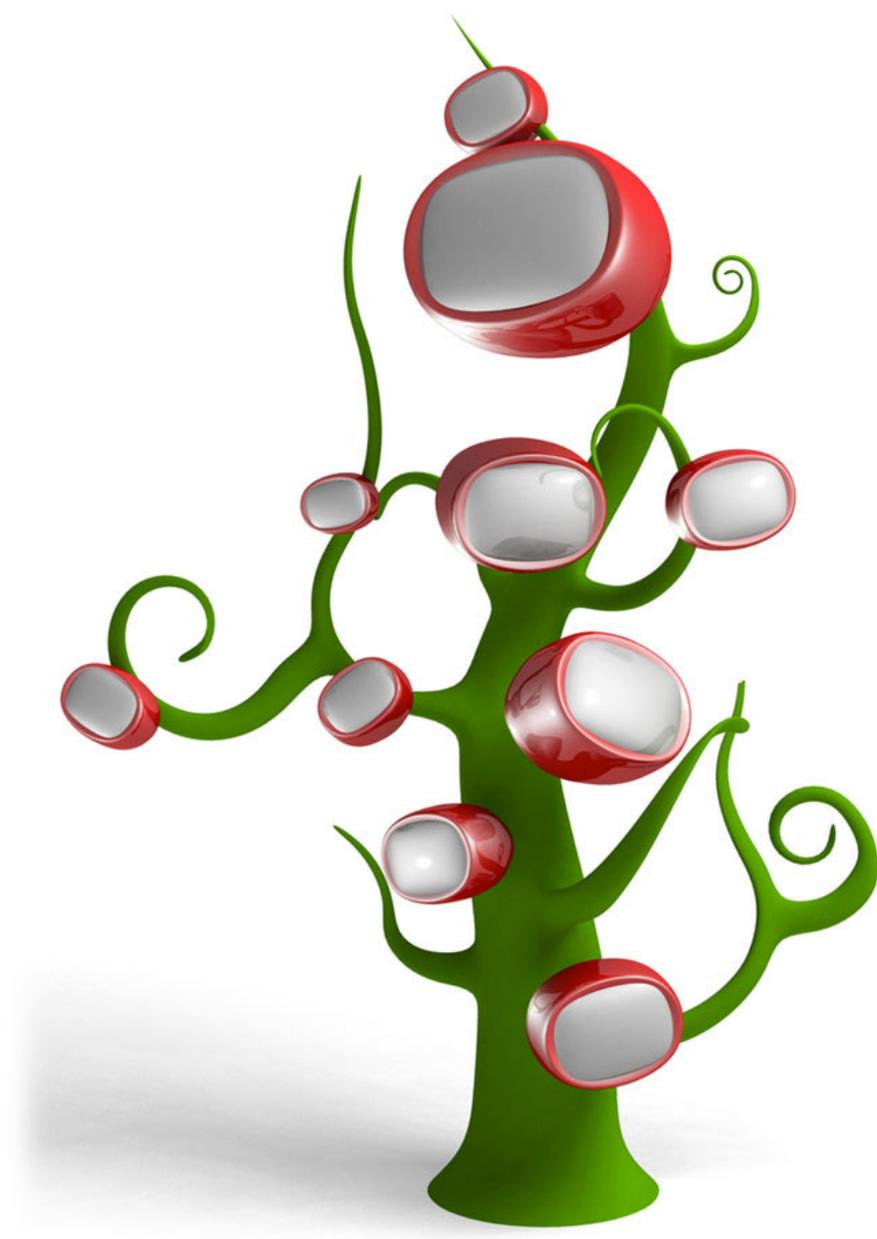
O presente trabalho tem como objetivo analisar o comportamento de estudantes do Ensino Fundamental, residentes na Zona Leste de São Paulo, a partir de sua condição de telespectadores. Procuramos, por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, entender o impacto da programação televisiva na vida dos estudantes, e, em especial, a influência no comportamento dentro de sala de aula.

Buscamos avaliar a relação entre os estudantes, a televisão e a escola, visando produzir subsídios para educadores e comunicólogos preocupados com a criação de telespectadores capazes de analisar criticamente os programas televisivos e, conseqüentemente, tornarem-se cidadãos conscientes de seus direitos e deveres sociais.

Abstract:

The main objective of the present work is to analyze the behavior of Elementary School students who live in the East Zone of São Paulo, considering their conditions as viewers. We have tried to understand, by bibliographical researches and field studies, the impact of TV programs on student's lives and, in particular, their influence on student's behavior in the classrooms.

We have also tried to evaluate the relationship among students, television and school in order to find new perspectives to educators and communicators worried about getting viewers ready to analyze television's programs in a critical way and, consequently, became citizens, people more conscious of their rights and social duties.



Sumário

Introdução- Os caminhos da pesquisa.....	14
Capítulo I – Televisão, Espaço Público e Violência Simbólica.....	26
1.1- A instrumentalização da informação pelos programas televisivos.....	27
1.2 – Televisão: Fábrica de mitos.....	30
1.3- Violência na televisão.....	34
1.3.1- A busca pelo sensacional.....	37
Capítulo II – A Escola e a Televisão no Desafio de Educar.....	40
2.1- Conceitos sobre educação.....	41
2.2– Mediações Pedagógicas.....	44
2.3- Mídia para a criança e o adolescente.....	47
2.3.1- Efeitos da programação.....	48
2.3.2 - A relação da criança e do adolescente com a televisão.....	49
2.4- Censura e Classificação Indicativa.....	53
2.5.1- Televisão Educativa.....	60
Capítulo III – Pesquisa de campo.....	65
3.1 – Reconhecendo os locais de pesquisa.....	66
3.1.1 – A região de São Miguel Paulista.....	66
3.1.2 – Vila Progresso.....	69
3.2 – A região de Itaquera.....	69
3.3 – Escola Estadual Jardim Beatriz.....	73
3.4 – Colégio Escrevivendo.....	75

3.5 – Os questionários.....	77
Capítulo IV– Análise dos resultados.....	81
4.1- A TV no dia-a-dia dos jovens.....	82
4.2 – A TV no dia-a-dia dos professores.....	99
4.3 – Síntese dos resultados.....	99
Considerações Finais.....	103
Referências Bibliográficas.....	111
Anexos.....	116

Introdução

Os caminhos da pesquisa



Introdução

Os caminhos da pesquisa

Dentre todos os meios de comunicação da atualidade, a TV é o que apresenta maior poder de persuasão. O aparelho está presente em cerca de 91% dos lares brasileiros¹ e com certeza é uma importante ferramenta na disseminação da estética e cultura de massa entre diversos grupos sociais.

Implantada no Brasil há pouco mais de meio século, a “máquina subversiva”² de Chateaubriand atravessa um momento de mudanças que permitirão uma melhor qualidade de som e imagem. O debate parece acontecer com mais frequência no âmbito da tecnologia e menos nas discussões sobre conteúdo e os efeitos na sociedade.

Cada vez mais a busca das emissoras pela audiência evidencia-se em uma programação de “mão única”, que segue as determinações do mercado e parece não dar atenção às manifestações – positivas ou negativas – do público receptor. Basta um simples clique no controle remoto para encontramos “mais do mesmo” em diferentes canais. É incontestável que, há algum tempo, o brasileiro convive com a falta de opção e qualidade na TV.

O fato é que os grandes concessionários trabalham em função dos anunciantes; portanto, o que mais interessa é divulgar o que é vendável, não havendo um maior cuidado com o conteúdo.

Quando uma emissora comercial encontra uma fórmula de sucesso, com grande audiência, logo é copiada pelas concorrentes, tirando do telespectador qualquer tipo de escolha. Se no entretenimento essa prática leva à rotina e à monotonia das “escolhas iguais”, no jornalismo cria situações de unanimidade perigosas para a vida democrática.

O argumento de que as programações são determinadas pela audiência é falacioso. Ao buscar índices cada vez mais elevados de audiência, as emissoras estão apenas oferecendo produtos para serem consumidos no mercado. Ao mercado, por definição, se oferece o que é vendável. (LEAL FILHO, 2006, p.17)

¹ Dados extraídos da Pesquisa PNAD 2005.

² Antes de fundar a TV Tupi, o empresário Assis Chateaubriand encomendou uma pesquisa que mostrou o quanto a implantação da TV em território nacional seria arriscado na década de 50. Diante de um mercado incipiente, o empresário fez valer a sua vontade política e empreendedora. Durante o discurso da transmissão oficial, “Chatô” faz referência a todos os anunciantes da época que tornaram possível a primeira transmissão no Brasil e propõe com a força desta empresa “faz-se um bouquet de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado, um sinal da mais subversiva máquina que dará asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar aos grupos humanos mais afastados”. (ORTIZ, 2001;59)

Este modelo de negócios dita as regras do mercado e estabelece “padrões de qualidade”. Emissoras que têm a sua grade composta por programas educativos são levadas a contar com recursos de instituições privadas para conquistar a audiência dos telespectadores e competir com a programação baseada em entretenimento e vendas de outras emissoras, o que de certa forma influencia na programação e, conseqüentemente, na forma com que o público recebe e interpreta a mensagem. O melhor exemplo desta situação é a TV Cultura de São Paulo, que desde 2005 aceita incentivos de empresas diversas para fugir de um déficit mensal de aproximadamente R\$ 1 milhão. Com um melhor controle de recursos, a emissora estatal passou a produzir mais de 13 horas de produção própria, oferecendo uma fuga limitada para o telespectador insatisfeito que não tem acesso a uma programação paga. Se por um lado a equipe de produção ganhou “fôlego” para encaminhar seus projetos, por outro passou a colaborar com o “coro do consumismo” – programas infanto-juvenis dividem espaço com os apelos de compra de bens supérfluos e, de certa forma, distantes do poder aquisitivo de uma boa parcela dos brasileiros.

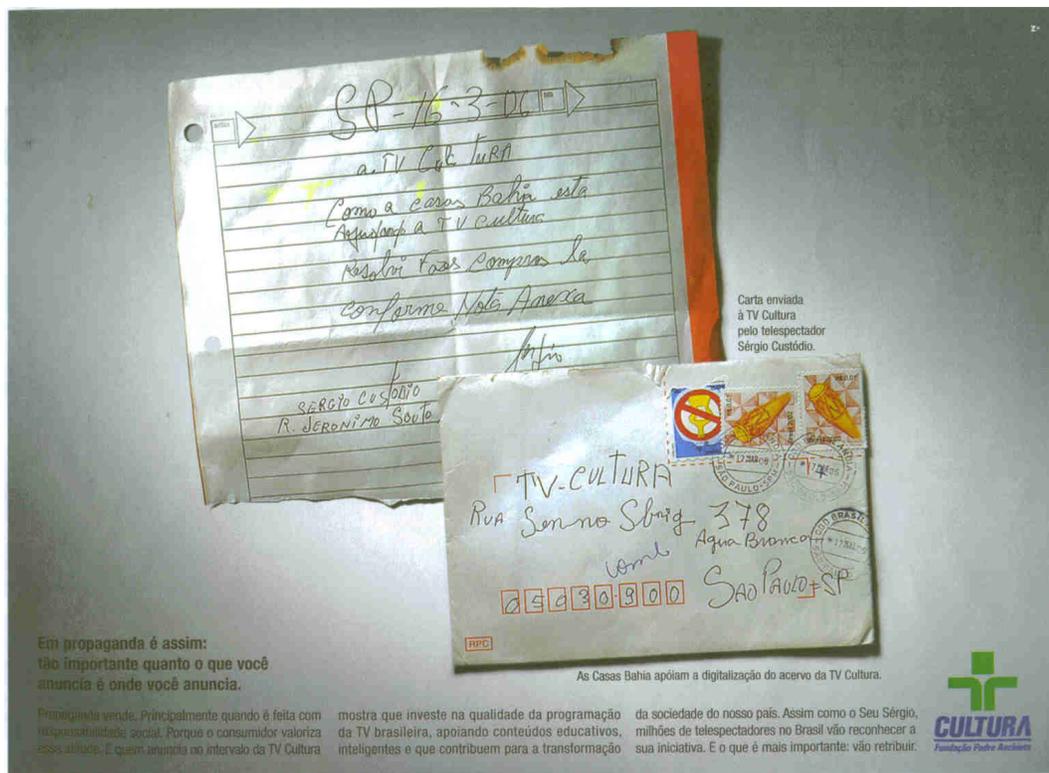


Figura 1: Propaganda para mídia impressa da TV Cultura para captação de novos anunciantes (*business to business*). O nome das “Casas Bahia” é citado sob o mote da responsabilidade social.

De maneira geral, os concessionários dos serviços de televisão se apresentam como donos das emissoras, exercendo poder por meio de um domínio público, as ondas eletromagnéticas. Mas, qual a dimensão deste poder?

A bem da verdade, as empresas de radiodifusão se aproveitam de falhas do regulamento do setor, uma lei que foi redigida em 1962 (época em que a TV ainda era preto-e-branco) e trabalham em função do aumento de lucros, “industrializando” o entretenimento, a informação e rotulando alguns programas de “educacionais” ou “de incentivo à cultura”.

Como veremos nos próximos capítulos, muitas pessoas acreditam que o meio televisivo é o responsável pela mudança de comportamento e aumento da agressividade no falar e pensar, principalmente entre crianças e adolescentes das grandes cidades. O reflexo desta agressividade apresenta-se de forma mais clara dentro das escolas, nas salas de aula. **É sobre a confluência desta televisão e desta escola que este trabalho trata.**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar comportamento de estudantes do ensino fundamental na condição de telespectadores para, a partir daí, entender o impacto da programação em suas vidas, em especial dentro da sala de aula.

Pesquisas sobre televisão, escola e comportamento

A televisão sempre atraiu a atenção de estudiosos com o intuito de verificar as relações entre o meio de comunicação de massa e seus efeitos sociais. Inicialmente, as discussões acerca do assunto buscavam respostas sobre os possíveis danos que os novos meios de comunicação, em especial a televisão, poderiam causar nos jovens.

Sobre a televisão e a recepção do público infanto-juvenil, há uma infinidade de estudos; (...) Destes estudos, um grande número é dedicado a denunciar a televisão como meio estimulador da violência e do escapismo nas crianças e adolescentes, enquanto outros tratam de comprovar o oposto, a função de catarse dos programas, não concordando também que se considerasse a fantasia na televisão como mecanismo de evasão. (MELLO, 1998;20)

Entre 1996 e 1997, a UNESCO desenvolveu um estudo global sobre a violência nos meios de comunicação de massa. O professor alemão Jo Groebel,

encarregado do departamento de Psicologia da Mídia da Universidade de Utrecht, Holanda, em conjunto com a Organização Mundial de Escotismo, desenvolveu e aplicou uma pesquisa sobre os efeitos da violência apresentada em programas televisivos e os efeitos no comportamento de crianças e jovens. A pesquisa foi apresentada em 23 países (entre eles o Brasil) e teve como universo as crianças na transição da infância para a adolescência. Dentre os resultados, o estudo mostrou que a televisão é a maior fonte de informação e diversão dos jovens.

“As crianças do mundo inteiro passam, em média, três horas diárias em frente à tela de televisão, sendo ainda mais amplo o espectro de padrões comportamentais do telespectador, se o consideramos no âmbito individual. Essas crianças passam pelo menos 50% mais tempo ligadas a esse meio de comunicação do que em qualquer outra atividade não-escolar, incluindo a elaboração de deveres de casa, convívio com a família ou amigos, ou leitura. Dessa forma, a televisão tornou-se fator primordial de socialização e domina a vida de crianças nas regiões urbanas e nas áreas rurais eletrificadas em todo o mundo”. (GROEBEL 10;1998)

Um dos fatos mais alarmantes foi a constatação de que os meninos e meninas observam a TV como uma promotora da agressividade e violência, mas consideram isso normal, em especial aqueles que vivem em ambientes onde as experiências da vida real se confundem com as proporcionadas pela ficção.

Ao diagnosticar o problema, o professor Groebel salientou que o controle centralizado e a censura não são compatíveis com os princípios das sociedades democráticas e, portanto, são soluções ineficazes. Para a criação de usuários da televisão competentes e com capacidade de crítica em relação aos demais meios de comunicação, Groebel sugere três estratégias:

- Debate público e conversações “em comum” entre políticos, produtores, pedagogos, pais e os jovens;
- Desenvolvimento de códigos de conduta e autocontrole da mídia (tal como acontece no Brasil com o CONAR – Conselho de auto regulamentação publicitária – no que diz respeito à publicidade);
- Estabelecimento de processo de educação sobre a mídia nas escolas, uma ação que ajudaria o jovem, dentre outras coisas, a lidar com a violência midiática e não observá-la como um espelho da realidade.

Antes mesmo da empreitada de Groebel, estudos norte-americanos buscaram averiguar os efeitos da exposição demasiada de crianças e adolescentes diante da

TV. Segundo Helen Bee³, estudos da década de 80 já mostravam que as crianças norte-americanas passavam mais tempo diante da televisão do que na maioria dos outros países e que, ao chegar aos 18 anos de idade, elas teriam passado mais tempo assistindo o aparelho do que em qualquer outra atividade (excluindo-se o sono). A pesquisadora afirma que “a maior quantidade de pesquisas tem centralizado seu foco potencial da TV sobre a agressividade infantil”.

Sem sombra de dúvidas, a indústria cinematográfica e televisiva norte-americana são os principais promotores de atrações com um forte apelo à violência e sexualidade.

“Os observadores também concordam com o fato de que os “mocinhos” mostram-se tão violentos quanto os “bandidos” e que a violência, na maior parte dos programas é recompensada; as pessoas violentas conseguem o que querem. Na verdade, a violência costuma ser apresentada como uma forma bem-sucedida de solução de problemas”. (BEE 308;1997)

O fato é que tais pesquisas do período apresentavam (e apresentam) controvérsias quanto à causa e o efeito (no caso a relação da TV com os atos violentos da sociedade). Para que pudéssemos conseguir dados concretos a respeito da influência positiva ou negativa do meio sobre o homem, seria necessário um experimento que, segundo Bee, não poderia ser realizada “por questões éticas óbvias”. Ela justifica tal pensamento sob a ótica da psicologia e do empirismo:

“Não é possível designarmos pessoas, de maneira aleatória, a fumarem durante 30 anos, nem designarmos crianças para assistirem a programas violentos na TV durante anos, enquanto outras não o fazem. Algumas experiências a curto prazo foram realizadas, e nelas um grupo de crianças exposto a alguns episódios de programas de TV moderadamente agressivos, enquanto outros grupos assistem a programas neutros. Esses estudos mostram, em geral um aumento a curto prazo na agressividade entre aquelas crianças que assistiram aos programas com maior agressividade. No entanto, em geral, tal como ocorre com os estudos sobre o cigarro e o câncer pulmonar, precisamos confiar em evidências correlatas. E em se tratando deste tipo de evidência, há um problema de interpretação. Por exemplo, as crianças que já se comportam de maneira agressiva podem escolher assistir a mais TV e a programas mais violentos “. (BEE 309;1997)

As crianças e os adolescentes criam vínculos com a TV que misturam informação e entretenimento, resultando na apropriação de valores. Nas últimas

³ Helen Bee é Ph.D em estudos do desenvolvimento humano pela Universidade de Stanford. Segundo as palavras da própria autora, seu trabalho é declaradamente tendencioso, pois acredita tratar-se do mais

duas décadas, a televisão brasileira consolidou uma programação voltada especificamente para este público – de programas infantis a seriados que discutem os valores da adolescência – todos regados por uma rica linguagem publicitária. É claro que, na história da TV, o conceito de violência sempre existiu; porém, basta comparar as animações que faziam parte da grade de programação das décadas de 70 e 80 com as que são produzidas e veiculadas hoje para perceber uma agressividade mais explícita e gratuita. Inicialmente, as histórias eram baseadas nos “pastelões” do cinema mudo norte-americano e a violência era observada de maneira inocente com o puro propósito de divertir. Desenhos produzidos e distribuídos pela *MGM/Cartoon*, *Walter Lantz*, *Hanna-Barbera* e outros, apresentavam personagens como Pica-Pau, Marinheiro *Popeye*, *Tom e Jerry*, Pernalonga, Patolino, *Flintstones* e outros. Estas animações já abusavam da agressividade e ironia, porém sem a presença de sangue ou morte (apesar dos vilões quase nunca receberem a oportunidade de se redimirem).

Em 1998, a Organização das Nações Unidas (ONU) analisou os desenhos animados veiculados durante uma semana em seis emissoras de TV aberta no Brasil. Foi constatado que há cada 60 minutos, 20 crimes são exibidos. Em apenas uma semana, a televisão veiculou imagens de 1.432 atos de violência (cenas de lesão corporal, homicídio e situações de preconceito racial e sexual).⁴

Anualmente, a pesquisa *Kiddo's*, estudo patrocinado por canais infantis da TV paga, ouve crianças nos principais mercados da América Latina com idades entre seis e onze anos. No Brasil, a pesquisa é conduzida pela empresa *Multifocus* nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte e avalia algumas questões ligadas a este público. Esta pesquisa mostra que, apesar de vivermos em uma era tecnológica onde se tem contato com diversos aparelhos e, conseqüentemente, mídias eletrônicas, a televisão é o principal meio de entretenimento e interação da criança com o mundo, e as mensagens nela inseridas são, em grande parte, consideradas incontestáveis pelo telespectador em questão.

De acordo com a pesquisa, 85% do universo entrevistado assistem TV todos os dias: 54% assistem 3 horas ou mais por dia, 85,4% ouvem rádio, 72,3% lêem

fascinante dentre todos os assuntos.

⁴ <http://www.riosummit2004.com.br/noticias> - acessado em 18 de agosto de 2007.

quadrinhos, 68,5% usam o computador, sendo que 50% em casa e 19,2% em lugares públicos. Cerca de 57% usam a Internet.

Na dissertação “Encontros e desencontros: Relações da escola com a televisão”⁵, o jornalista e professor Élson Rezende de Mello expõe que os povos estão se dando conta da modernidade não pelos livros e sim pelos formatos e gêneros da indústria cultural do audiovisual. Em um estudo realizado em uma escola pública de Minas Gerais, Mello constatou que a relação entre televisão e escola está marcada por diferenças e desconhecimentos e, conseqüentemente, a escola não a utiliza nos processos educativos. A pesquisa de campo, concluiu que os estudantes estão envolvidos no universo televisivo e chegam a utilizar o conteúdo da programação como referência para produção de trabalhos, no entanto, a escola, enquanto instituição, ainda reluta em usar o meio de comunicação no processo de ensino e aprendizagem. Os professores, por sua vez, “tratam com a imagem, com a televisão em suas aulas. Só reclamam dos programas escolares, que não contemplam um espaço para se trabalhar com esses recursos, e indicam que lhes faltaria uma preparação maior”.

Em nosso país, a grande massa não recebe uma formação de qualidade (fruto dos muitos problemas relacionados à educação, como a estrutura das escolas, salários de professores, falta de recursos, e outras coisas). Este descaso pelo ensino reflete (não em via de regra) em problemas culturais e de identidade que são reforçados pela falta de responsabilidade dos concessionários ao utilizarem a gramática do grotesco para atrair a atenção da massa e transmitir valores que nem sempre contribuem para o desenvolvimento social e cultural das futuras gerações.

Sobre a agressividade na escola

A criança e o adolescente do século XXI não ingressam em uma instituição escolar com as mesmas características de crianças e adolescentes de outras gerações. Eles possuem repertório, hábitos de consumo e visão de mundo diferentes, fruto da influência dos meios de comunicação e dos diversos apelos sociais que ultrapassam os assuntos resgatados no convívio familiar.

⁵ A dissertação “Encontros e Desencontros: Relações da Escola com a Televisão” desenvolvida pelo Professor Élson Rezende de Melo sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos, foi apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho foi defendido e aprovado em 19 de junho de 1998.

A hipótese desta pesquisa é de que as atrações que contam com cenas impróprias, excesso de violência (explícita e implícita) e a falta de controle dos pais sobre os programas que os filhos prestigiam, podem exercer grande influência nos hábitos dos jovens, desencadeando um comportamento inadequado (por vezes agressivo) em sala de aula. De acordo com a visão de alguns teóricos⁶, a onipresença da “babá eletrônica” é uma das possíveis causas do aumento da violência junto a crianças e adolescentes em idade escolar. Por vezes, esta agressividade é desencadeada contra o professor, em manifestações de comportamento inadequado que variam da indisciplina à violência corporal.

Vejamos um trecho do artigo escrito por Gilberto Dimenstein publicado no caderno cotidiano do jornal “Folha de São Paulo” de 14 de outubro de 2007:

A tragédia dos professores enlouquecidos

O choque de vítimas é visível quando uma professora agride um garoto que passou a vida sendo agredido

Depois de pegar um de seus estudantes mais indisciplinados e agressivos pela gola e rasgar sua camisa, Sirley Fernandes da Silva, professora de uma escola estadual na periferia de São Paulo, pediu licença médica e resolveu procurar um psiquiatra – já não sabia lidar com tanto desrespeito em sala de aula. “O aluno era terrível, mas depois fiquei com pena dele. Quando chamamos os pais e percebemos como são ausentes da vida dos filhos, vemos que o garoto também é uma vítima. O garoto fica em casa abandonado e, muitas vezes, vai para a escola só para comer.”

Depois de um ano de terapia, Sirley não abandonou o magistério, apenas trocou de série. Passou a dar aulas no ensino médio, onde, segundo ela, havia uma “vantagem”: “Os alunos do ensino médio podem ser mais agressivos verbalmente, mas os do fundamental partem para a agressão física”.

Difícil saber o que é mais dramático: A professora descontrolada pedindo socorro ao psiquiatra ou a “vantagem” que ela encontrou ao dar aulas para estudantes mais velhos e apenas ser xingada.

O caso de Sirley faz parte de uma tragédia conhecida quase exclusivamente por especialistas: a epidemia de distúrbios mentais dos professores brasileiros, provocados, entre outros motivos, pela violência e pelas condições de trabalho ruins. Diante desse massacre psicológico, um minuto de silêncio seria uma forma apropriada de comemorar, amanhã, o Dia do Professor.

O artigo de Dimenstein mostra um dos muitos casos de professores que sentem dificuldades para controlar uma sala de aula com educandos que parecem ter perdido os seus limites. Não é possível ignorar a mudança do comportamento da criança e do adolescente em fase escolar. Diante da ausência de pais e responsáveis, a televisão ocupa um espaço significativo na formação moral, social e intelectual dos jovens que, cada vez mais mostram-se indiferentes aos problemas

⁶ No artigo “A violência urbana e os donos da mídia”, publicado no site Observatório da Imprensa em agosto de 2006, o Prof. Dr. Venício A. de Lima relembra a pesquisa do Prof. Jo Groebel e assume o pensamento sobre a relação entre a predominância da violência apresentada na programação televisiva e o aumento da agressividade entre os jovens. Seguindo o pensamento, o estudioso reforça que a televisão faz com que as pessoas acreditem que a violência é algo normal e quanto maior a desigualdade, maior é o impacto da violência. O crime organizado já faz uso da mídia televisiva e o seu sensacionalismo, no entanto existe uma “recusa dos donos da mídia no Brasil em reconhecer que ela própria é também parte do problema – e da solução -, e não apenas uma instituição que assiste à escalada da violência e reclama providências das autoridades”.

contemporâneos e cada vez menos participativos nos interesses comuns. Por vezes, os programas televisivos oferecem uma linguagem mais sedutora em comparação à da escola, o que pode influenciar negativamente em seu comportamento em sala de aula.

Caminhos Metodológicos

A reflexão proposta neste trabalho foi desenvolvida inicialmente por meio de observação direta não participante (observamos o espaço e o tempo do fenômeno estudado, fazendo vários registros). Também lançamos mão da observação indireta com consultas bibliográficas (principalmente nas áreas da comunicação e educação). O processo de estudo foi estrutural, uma vez que desenvolvemos a análise sistemática dos elementos e suas inter-relações (no caso a televisão e os telespectadores) e da dinâmica de uma sociedade (relação entre professor e aluno).

Mais do que dissertar sobre o tema proposto, buscamos informações junto ao objeto de estudo, no caso crianças e adolescentes em idade escolar matriculadas no ensino fundamental I e II e professores das instituições selecionadas. Esta pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública e outra particular (ambas da Zona Leste de São Paulo). O número da amostra foi aleatório (o total de entrevistados não foi pré-determinado). Vejamos os quadros a seguir:

Pesquisa 1 - Professores			
Tipo de Pesquisa	Universo	Amostra	Perfil da amostra
Questionário quantitativo e qualitativo	Professores do ensino fundamental I e II servidores de uma escola da rede estadual (ensino público) e de uma instituição de ensino particular.	A amostra foi coletada em duas escolas diferentes, uma pública e uma particular, em localidades próximas.	Professores de disciplinas diversas do currículo do ensino fundamental II (5ª ao 9ª ano). O número de professores foi determinado pela quantidade de turmas e pela presença no momento da aplicação dos questionários.

Pesquisa 2 - Alunos			
Tipo de Pesquisa	Universo	Amostra	Perfil da amostra
Questionário quantitativo e qualitativo	Grupo de alunos matriculados no ensino fundamental I e II (5ª ao 9º ano) da rede estadual (ensino público) e de uma instituição de ensino particular.	A amostra foi coletada em duas escolas diferentes, uma pública e uma particular, em localidades próximas.	Todos os alunos presentes em sala de aula no momento da aplicação da pesquisa.

Com a intenção de complementar este trabalho com a opinião dos alunos, em um momento diferente ao da aplicação da pesquisa foi solicitado aos professores da disciplina de Língua Portuguesa a aplicação de uma redação com o tema “televisão”. As redações não tiveram a intenção de verificar técnicas de escrita ou o grau de aproveitamento do aluno em sua série ou sala e sim levantar algumas frases e opiniões da amostra do universo discente.

Nesta pesquisa, optamos por trabalhar com alunos do ensino fundamental I e II⁷ de duas escolas da zona leste da cidade de São Paulo, a E.E. Jardim Beatriz, localizada na Vila Progresso (bairro situado entre os distritos de Itaquera e São Miguel Paulista) e o Colégio Escrevivendo, localizado no bairro Cidade Líder, distrito de Itaquera. A escolha das escolas foi aleatória, buscando apenas a similaridade das regiões.

Trabalhamos com alunos a partir de 10 anos por acreditar que este público já consegue responder aos questionamentos com precisão.

A partir da pesquisa de campo, objetivamos verificar se a hipótese deste trabalho se confirma.

Para traçar uma relação com a escola, este trabalho também analisa o meio televisão, mais precisamente a forma com que os concessionários de TV incluem as determinações do ECA na sua grade de programação, verificando de que forma o conteúdo oferecido pode auxiliar ou prejudicar a formação de uma sociedade futura.

⁷ De acordo com a lei 11.274/2006, o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 anos, deverá ser oferecido à crianças e adolescentes a partir dos 6 anos de idade. Segundo esta Lei Federal, os municípios, Estados e o Distrito Federal terão o prazo até 2010 para implementar a obrigatoriedade para o ensino fundamental. O Colégio Escrevivendo já trabalha com este sistema, porém neste trabalho utilizaremos a equivalência dos anos em séries.

Os artigos 70 e 71 da lei nº 8069, de 1990, denominada “Estatuto da Criança e do Adolescente” afirmam *que “é dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente” e “a criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.*

Esta pesquisa é relevante para fins educativos. Os meios de comunicação possuem uma força tão grande que não pode ser ignorada pelos gestores da comunicação, educadores, pais e responsáveis. Uma criança passa mais tempo diante da TV do que necessariamente dentro de uma sala de aula.

Trata-se de uma pesquisa descritiva: o conhecimento obtido procura mostrar as possíveis relações entre televisão e escola, a forma com a qual os públicos infantil e adolescente interagem com a linguagem televisiva. Também buscamos discutir como a escola, pela atuação do professor, pode mediar o conteúdo da programação revertendo-o em conhecimento. Acreditamos que os professores, com raras exceções, utilizam pouco ou não utilizam a linguagem televisiva como uma ferramenta de apoio no processo de ensino e aprendizagem, e também não desenvolvem, junto aos alunos, um trabalho de leitura crítica dos meios.

Capítulo I

Televisão, espaço público e violência simbólica



1.1- A instrumentalização da informação pelos programas televisivos

Temos convicção de que a TV significa, para o homem contemporâneo, a possibilidade de participação midiaticizada da sociedade moderna, mesmo que indiretamente, das mais diversas experiências de realidade e, por este mesmo motivo, este meio de comunicação de massa tornou-se alvo de inúmeras críticas. Com uma linguagem rápida e fascinante, ele tem o poder de ritmar os dias e estruturar a temporalidade. A origem da TV brasileira foi constituída em interesses econômicos; conseqüentemente, a função de informar sempre esteve comprometida com o mercado.

“Diferentemente de outros países, a televisão foi introduzida no Brasil, nos anos 50, já como uma empresa privada e de caráter comercial. E se, de início, seu consumo ficou restrito a muito poucos brasileiros, hoje, cinquenta anos depois, ele é partilhado praticamente por toda a população, representando, para a grande maioria, uma das poucas opções, oferecidas por um país de terceiro mundo como o nosso, de entretenimento, informação e cultura”. (DUARTE 2004:17)

Soberana em nosso país, a televisão apresenta a uma parcela da sociedade brasileira a primeira e última palavra sobre qualquer assunto. Segundo o IBGE, existem em nosso País mais de 40 milhões de lares com TV. Apesar da influência de alguns jornais e revistas, é com a televisão que o brasileiro se identifica. Mas, nem sempre esta identificação é sinônimo de respeito para com o telespectador.

As emissoras, em especial comerciais, são financiadas por anunciantes e possuem ajustes com o mercado, o que coloca o compromisso com a informação em segundo lugar. Diante de uma concorrência acirrada, vislumbramos uma maior busca pela audiência e, por conseguinte, uma menor preocupação com o conteúdo.

A televisão, em sua linguagem monóloga, não ouve, não pergunta, enfim, não oferece direitos ao telespectador. Os concessionários, na busca de números que representem a sua audiência - o seu triunfo diante das demais emissoras, colocam no ar atrações que não garantem informação e/ou conhecimento. A lógica comercial se sobrepõe às produções de caráter cultural e, devido a sua amplitude, estes programas produzem efeitos inteiramente inéditos na sociedade. O sociólogo

francês Pierre Bourdieu defende que os índices de audiência depõem contra a democracia. Vejamos:

“Pode-se e deve-se lutar contra o índice de audiência em nome da democracia. Isso parece muito paradoxal porque as pessoas que defendem o reino do índice de audiência pretendem que não há nada de mais democrático (é o argumento favorito dos anunciantes e dos publicitários mais cínicos, reforçado por certos sociólogos, sem falar dos ensaístas de idéias curtas, que identificam as críticas das pesquisas de opinião – e do índice de audiência – com a crítica do sufrágio universal), que é preciso dar às pessoas a liberdade de julgar, de escolher (“são seus preconceitos de intelectuais elitistas que os levam a considerar tudo isso como desprezível”).” (BORDIEU 1997:96)

A programação televisiva, quando submetida aos interesses do *marketing*⁸ não exprimem pura e simplesmente as verdadeiras necessidades dos espectadores. Com apelos irrecusáveis em meio às suas atrações, criam no telespectador pseudonecessidades, em outras palavras, desejos pelo supérfluo, o que na visão de Bordieu (BORDIEU 1997:96) “não tem nada da expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública”. A oferta de produtos ao público consumidor é organizada estrategicamente em forma de grade de programação, que permitem às emissoras falarem de si por meio de seus programas.

A grade de programação é estabelecida a partir de seleções estratégicas que gerencia lógicas de mercado diferentes, tais como dia, horário, tipos de público. A intenção é condicionar o telespectador, criar hábitos e costumes que serão disseminados no meio social. As pessoas não se apropriam das informações, elas é que são apropriadas.

“(…) Há horários e dias nobres, e outros não tanto. Alguns horários contam com a presença de um público específico – crianças, adolescentes, donas-de-casa; outros, com a massa total dos virtuais telespectadores. Há dias da semana em que o público sai de casa à noite; nas segundas-feiras certamente se fica em casa, nas quartas-feiras há futebol, e, assim por diante. Essas questões pré-definem a audiência e, conseqüentemente, o valor comercial de patrocínios e publicidades, bem como dos próprios investimentos que a emissora há de fazer no programa.” (DUARTE 2004:45)

⁸ Consideramos aqui Marketing como um conjunto de ferramentas utilizadas para tornar conhecidas idéias, produtos e serviços com o intuito de oferecer satisfação ao consumidor e retorno financeiro ao produtor destes bens tangíveis ou intangíveis.

Apesar dessa característica da televisão, seria injusto defini-la como única vilã em uma sociedade cujos apelos para o consumo são inúmeros. O fato é que sua gramática e as técnicas utilizadas pelas emissoras para chamar a atenção de consumidores reais e potenciais têm se destacado cada vez mais. O entretenimento apelativo e o sensacionalismo são fórmulas fáceis de chamar a atenção dos públicos de interesse.

O Filósofo da Ciência Karl Popper defende que a democracia não passa de uma forma de proteção contra a ditadura e conseqüentemente, nada nesta democracia impede que pessoas com um grau mais elevado de saber possam transmitir conhecimento aos que apresentam interesse. Sociedades verdadeiramente democráticas são aquelas que aspiram a esta troca de conhecimentos. As emissoras de TV fazem justamente o contrário ao pensar apenas na audiência.

(...) Inversamente, os seus princípios conduzem a propor aos telespectadores emissões cada vez piores, que o público aceita desde que se lhes acrescente violência, sexo e sensacionalismo. De facto, quanto mais uso se fizer deste gênero de ingredientes, mais se incita as pessoas a voltarem a pedi-los. E, como estas práticas são as que os produtores compreendem melhor e as que suscitam mais facilmente a adesão do público, renunciamos a propostas mais exigentes. Contentamo-nos em acrescentar pimenta aos programas. E um diretor de cadeia acredita ter resolvido o problema desta forma. Foi o que aconteceu ao longo dos anos desde que a televisão surgiu: acrescenta-se sempre mais pimenta aos pratos de má qualidade para disfarçar o seu gosto detestável ou insípido. (POPPER 1999:20)

É verdade que, em televisão, o tempo é algo valioso. É também verdade que, no Brasil, devido ao modelo de negócios vigente, uma emissora precisa que sua programação tenha audiência para garantir sua sobrevivência como veículo de comunicação. A TV funciona como qualquer outra empresa de caráter comercial: busca atingir metas e obter lucros para manter-se saudável no mercado.

Os produtos oferecidos pelas emissoras são atrações que sofrem uma censura invisível que, segundo Bordieu, é determinada pelos anunciantes, que pagam a publicidade, pelo Estado, que dá as concessões e, em especial, pelos empresários que as comandam; assim, a televisão só viabiliza o que a eles interessa comercialmente.

1.2- Televisão: Fábrica de Mitos

A maneira que os concessionários utilizam para “formar e informar” acabam com os referenciais humanos de tempo e espaço: a televisão é o lugar e o mundo, uma grande fábrica de mitos em uma época em que todos os dados e sentidos convergem para a imagem, para o plano do olhar.

Em nossa cultura, a televisão tornou-se o “suporte da verdade”. O brasileiro conhece a sua “terra” pela televisão. A TV deixou de ser um aparelho para tornar-se um lugar em si.

Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl afirmam, no livro *Videologias*, que “a comunicação e a linguagem passam a necessitar do suporte das imagens num grau que não se registrou em outro período histórico”. O imaginário das sociedades urbanas e industrializadas é composto por mitos, amplamente trabalhados no meio televisão, em especial nos programas jornalísticos, nas produções ficcionais e na linguagem publicitária, o que explica a sua linguagem sedutora, em especial quando se trata de um público em fase de formação da personalidade.

“Não há sociedade que se sustente sem formular sua própria mitologia. O mito, no sentido tradicional, é o sistema criador de significações “indiscutíveis”, que mascara o desamparo humano no reino da linguagem. A linguagem é a morada do homem, morada insegura. Sem o mito, ela não seria suportável. A linguagem, em vez de uma fortificação sólida e protegida, oferece no máximo uma tenda, prestes a ser desmontada cada vez que seu ocupante sai em busca de sítios mais abrigados; uma tenda sujeita à ação dos ventos e das tempestades da história e dos abalos sísmicos do poder.” (BUCCI 2005:16)

Nas sociedades que valorizam a imagem, o mito torna-se indiscutível. A sociedade industrializa o mito, e a televisão, como meio de comunicação mais expressivo, reflete este produto para a sociedade.

“O mito é uma fala *roubada e restituída*. Simplesmente, a fala que se restitui não é a mesma que foi roubada: trazida de volta, não foi colocada no lugar exato. É esse breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transpassado da fala mítica”.(BUCCI 2005:19)

De tempos em tempos, a mídia busca mitos dentro da sociedade. Aposta-se em sujeitos carismáticos, com beleza ou habilidades especiais, pessoas que

apresentam sensibilidade ou que tenham o poder de influenciar o consumidor nas ações de marketing em que estarão envolvidos. O mercado, por sua vez, é composto por indivíduos comuns que sonham com a possibilidade ou a oportunidade mágica de um dia igualar-se ao seu ídolo, alguém cuja trajetória vitoriosa serve como referência. Na sociedade do espetáculo, a exaltação do mito é algo corriqueiro: são jogadores de futebol, modelos, atrizes, cantores e políticos que são cultuados na dimensão do espetacular, na busca daquilo que se almeja como vida ideal.

Geralmente, a fórmula parece ser a mesma: o menino ou a menina pobre do subúrbio que, pelo seu talento e uma boa dose de sorte, teve a oportunidade ou “garra” (ao que muitos preferem atribuir a razão do sucesso) para mudar o seu destino. A imagem circula como um produto na sociedade do espetáculo, sociedade esta que Maria Rita Kehl chama de forma pós-moderna da sociedade capitalista. É o retorno do Fetiche⁹.

“Se num primeiro momento o fetiche se encarna na mercadoria, objetivando nessas relações de troca as condições subjetivas de sua produção, a circulação imaterial desta forma tecnologicamente superdesenvolvida de mercadorias – as imagens, em sua incorporeidade eletrônica – produz o investimento das mesmas crenças que sustentam o fetiche, sobre a imagem dos indivíduos mais destacados nesta produção de espetáculos”.(BUCCI 2005:80)

O termo Fetichismo é originariamente utilizado para indicar a idolatria de Deuses falsos em oposição à crença atual. Segundo Maria Rita Kehl, para os judeus fetichismo seria a idolatria ao “bezerro de ouro”. Em tempos da sociedade do espetáculo, as personalidades televisivas podem ser consideradas os novos “bezerros de ouro”.

Não é possível afirmar que a televisão tem o poder de “moldar a sociedade” de acordo com os interesses capitalistas. Em nenhum momento na história deste meio de comunicação foi constatada uma ocorrência em que um grupo de telespectadores, sem exceção, tenha realizado uma ação a partir de ordem por ela transmitida. Na verdade, a televisão tem o poder de influenciar, uma vez que retira falas naturais que sempre estiveram presentes na sociedade e as devolve aos falantes em reiterada linguagem.

“(…) A produção de espetáculos e o mercado faz com que os sujeitos que se destacam como objetos virtuais do gozo coletivo – e, neste caso, “coletivo” tem o sentido do retorno midiático das formações comunitárias perdidas – sejam imediatamente investidos, pela publicidade (o braço “realista” do entretenimento), com as mesmas propriedades das mercadorias. Eles não apenas propagandeiam algumas mercadorias como passam a se confundir com elas. Como no exemplo de Ronaldinho, “vestem (literalmente) a camisa” dos produtos que são pagos para anunciar, e tornam-se tributários das estratégias de vendas daquelas indústrias. Seus salários milionários não são mais interpretados como evidência de seu esforço e talento, mas é sua celebridade agora que se apóia sobre a notícia de um salário milionário”.(BUCCI 2005:81)

Nos séculos XIII e XIV, a monarquia fazia uso de cronistas para a criação de lendas que perpetuavam a sua existência. No período, tais histórias eram espalhadas por toda sociedade medieval.

A televisão, nos tempos atuais, faz o papel do cronista e também do disseminador das histórias, o que gera uma espécie de poder invisível. Para Guy Debord¹⁰, poder é o estágio máximo do espetáculo – a nova forma de produção do capital.

Este importante meio de comunicação ainda é debatido de maneira reducionista. A sociedade observa a TV como mera “transportadora de conteúdos”, ocultando a sua função inicial (e a de todos os meios de comunicação) de constituir e compor o espaço público.

O espaço público ou a esfera pública surge diante do debate público de assuntos comuns entre os cidadãos que dela tomam parte. Segundo Bucci, “é preciso combinar, sempre, a correta definição de que o espaço público é um campo comunicacional com a presença do inconsciente neste campo”. Em um primeiro momento, o espaço público era refletido na imprensa de opinião. Com o surgimento dos meios de comunicação de massa, houve uma transformação da esfera pública burguesa. O público tornou-se massa e perdeu a força de gerar seus próprios meios. A nova esfera pública é gerada pelo capital sob a forma de comunicação.

A televisão exerce centralidade no espaço público nacional brasileiro e nada que se manifeste fora dela é admitido. Assim, tudo o que é disseminado por ela apresenta credibilidade, mesmo que seja um fato “vazio”.

⁹ Mercadoria com qualidades intrínsecas que “coisifica” as relações sociais.

¹⁰ Teórico francês, autor da obra “A sociedade do espetáculo” de 1967.

Talvez a maior responsável por esta situação seja a Rede Globo, ao ditar as regras do mercado e instituir o padrão de programação, o “padrão de qualidade Globo” que, salvo algumas exceções, é seguido pelos demais concessionários.



Figura 2 – Campanha da Rede Globo de Televisão – “Q” de qualidade

O espaço público do qual estamos tratando está tomando novas dimensões em todo o mundo. A criação de novas tecnologias de comunicação, a convergência dos meios e a fusão de grandes empresas de mídia estão traçando um novo caminho para a economia da informação e, conseqüentemente, criando um novo espaço, sem fronteiras.

“As fusões dão o tom da nova organização do espaço público. No mundo todo, a formação dos conglomerados se alastra, impondo uma nova lógica. As fronteiras nacionais deixam de ser vistas como proteção e tornam-se vilãs, barreiras para o capital que precisa se concentrar mais e mais. Os cenários apontam crescimentos ainda maiores. Os setores de mídia, telecomunicações e computadores vão se fundindo em escala geométrica“. (BUCCI 2005:40)

Na sociedade contemporânea, os Estados Unidos, além de possuírem uma força econômica e militar que lhe agrega poder, apresenta também uma forte influência na cultura de diversos povos, pois sustentam uma expressiva indústria do entretenimento. O cinema, o rádio, a Internet e a televisão contribuem neste processo na criação de um público segmentado e na construção de uma esfera pública particular.

“Vamos registrar o seguinte dado: a esfera pública da sociedade de consumo, a sociedade em que vivemos, tem a sua esfera pública privatizada, na qual atributos da cidadania se convertem em bens de consumo e na qual a lógica do espetáculo absorve e comanda a organização e a disposição dos conteúdos. Tiramos daí um outro pilar da natureza da televisão contemporânea: os programas de ficção, cada vez mais, buscam sustentar-se em argumentos da realidade (tanto que, no Brasil, a telenovela é tanto mais presente quanto mais consegue propor uma síntese do imaginário nacional); quanto aos programas de telejornalismo, estes precisam se adequar a uma narrativa mais ou menos melodramática (o andamento dos telejornais busca capturar o

telespectador pelo desejo e pela emoção). Ou seja, a ficção e a realidade se invertem na (estética da) nova ordem". (BUCCI 2005:41)

1.3 - Violência na televisão

Imaginemos a seguinte situação: durante a exibição do *Jornal Nacional* (poderia ser qualquer outro, usaremos este exemplo por ser o telejornal de maior audiência no país) um indivíduo resolve abaixar o volume de seu aparelho televisor. Em meio a notícias de corrupção e outras no estilo "fato ônibus"¹¹, ele passa a prestar mais atenção nas imagens de um conflito e logo associa essas imagens a mais uma guerrilha no Oriente Médio. Armamento pesado, um tanque de guerra arrastando um carro em meio a uma estreita rua. Ao prestar atenção nos pequenos detalhes, ele começa a perceber que as vestimentas, os traços dos sujeitos envolvidos, o fardamento dos militares: tudo é comum em nossa sociedade e não de um país do Oriente Médio (a não ser pela destruição). Ele se dá conta de que o conflito não está tão longe da sua realidade: acontece nas ruas que rodeiam os morros do Rio de Janeiro. Trata-se de um duelo entre traficantes e policiais.

O grotesco tornou-se atração. Acostumamo-nos a observar todos os tipos de barbaridades pela TV sem maiores questionamentos. A violência a que prestigiamos é aquela que acontece em nossas cidades, em nossos bairros, em nossas ruas. Sofremos com toda a dor e tristeza que as emissoras de televisão exibem, mas sem discutir o verdadeiro sentido da exploração do sofrimento humano. Essas imagens são servidas por grupos de comunicação como um "biscoito fino" e consumidas pela sociedade sem maiores questionamentos?

A partir dos interesses ideológicos dos concessionários, a violência real cede espaço para a violência simbólica.

"(...) A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que sofrem e também, com freqüência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la. A sociologia, como todas ciências, tem por função desvelar coisas ocultas: ao fazê-lo, ela pode contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia". (BORDIEU 1997:22)

¹¹ Termo utilizado por Pierre Bordieu para referir-se à notícias simples e de menor importância que são inseridas nos telejornais.

Em nome do espetáculo, nos habituamos com a violência. No final do ano de 2006 tivemos desprazer de assistir a morte daquele que foi considerado um dos maiores ditadores da história mundial, Sadam Hussein. A televisão não teria a necessidade de apresentar tais imagens para noticiar o fato.

Pouco a pouco, a televisão abriu espaço para mostrar as diferentes faces da morte e, de maneira inconsciente, abrimos as portas de nossos lares para este tipo de imagem. A violência não está apenas na “bestialidade humana”, mas também no sensacionalismo exercido pelas emissoras, na programação de mau gosto, na violação dos direitos humanos, na castração da infância, na exclusão pelo consumismo exacerbado, na má formação das futuras gerações, e assim por diante.

Dos mais de 50 anos de televisão, pelo menos trinta contribuíram com a deformação das relações sociais não só no Brasil, mas em todo o mundo. Também afetou (e muito) nos efeitos da subjetividade contemporânea.

“Hoje, podemos dizer que já existe um consenso a respeito do fato de que as modernas sociedades industriais são sociedades muito violentas; há também um consenso de que essa violência não se limita à violência da exclusão social, própria da desigualdade entre classes, cometida por uma parcela dos excluídos que tentam se incluir a força. Para além dessas formas extremas, há uma violência que faz parte do próprio laço social. Por fim, há também um certo consenso de que a influência da televisão é forte nisso, de que a televisão, de alguma forma – eu estou chamando a televisão, mas podemos dizer a produção imaginária da cultura de massa em geral -, tem uma responsabilidade forte na produção da violência”. (BUCCI 2005:88)

A constante exposição a uma programação ruim, aumenta o nosso limiar de tolerância perante o grotesco. O telespectador habitua-se ao mau gosto, à falta de limites, e passa a acreditar que não há nada a fazer em relação aos problemas sociais.

Diversos estudiosos já propuseram pesquisas para analisar a relação da imagem com a violência social, dos efeitos da programação com o comportamento. Como já vimos no início deste trabalho, alguns acreditam que as exposições a desenhos cujos personagens tentam costumeiramente se destruir mutuamente podem fazer com que crianças se desenvolvam de maneira mais agressiva; já outros

desmentem todo este pensamento. Não existe uma pesquisa definitiva sobre o assunto, o que abre um enorme campo para este tipo de trabalho.

De onde vem este instinto violento? O que faz com que jovens supostamente “bem criados” ateiem fogo contra um índio ou espanquem uma inocente empregada doméstica para levar uma bolsa cujo conteúdo era um celular e R\$ 45,00?

“(…) embora as pesquisas não consigam confirmar a idéia mais simplista de que a criança imita o que ela vê, eu sustentaria a tese de que, nas sociedades regidas pela cultura de massa – a cultura de massa é uma formação predominante na nossa sociedade e, nela, a tirania da imagem é avassaladora -, há, sim, um tipo de violência que *é própria do funcionamento em si*. Essa violência do imaginário tem, sim, relações com os padrões de comportamento na vida real, mas não há aí uma relação de causa e efeito”. (BUCCI 2005:88)

A sociedade do espetáculo impõe a lógica da realização dos desejos. A cada programa, a cada imagem, o telespectador é chamado a realizar as suas vontades, remeter-se a uma outra realidade, sem a necessidade de pensar. O pensar leva a um trabalho mental e só é convocado quando a instância dos desejos falha. O esquema atual de televisão não propicia a expressão do pensamento devido a sua rapidez, a urgência com que as informações precisam ser manifestadas.

“(…) a televisão não é muito propícia ao pensamento. Estabelecia um elo, negativo, entre a urgência e o pensamento. É um velho tópico do discurso filosófico: a oposição feita por Platão entre o filósofo que dispõe de tempo e as pessoas que estão na ágora, a praça pública, e que são tomadas pela urgência. Ele diz, mais ou menos, que, na urgência, não se pode pensar”. (BORDIEU 1997:39)

A nova ágora pública é a televisão. O mal surge da ausência de reflexão perante as situações. Quando uma criança se lança do sofá em direção ao chão após assistir um episódio de “*super-heróis*” ela não está refletindo impulsionada pela lógica da realidade e sim pela lógica da ficção. Na idade adulta, esta situação pode se repetir de maneira mais trágica? Uma pessoa pode matar ou roubar incitado por uma programação ruim?

“(…) dois adultos estupraram e mataram um menino de 10 anos. A polícia descobriu que esses adultos eram usuários de um site cujo nome é algo como “amigos da perversão infantil” ou “amigos dos corpos das crianças”, alguma coisa assim. Através desse site, as pessoas se comunicavam e trocavam as suas fantasias de pedofilia. Contardo Calligaris termina apresentando um paradoxo: por um lado, é muito bom viver em uma sociedade em que todas as fantasias podem ser

comunicadas e não têm necessariamente que ser recalçadas, uma sociedade em que tudo possa ser dito; por outro, ele gostaria que nessa sociedade as crianças não estivessem ameaçadas. As crianças e também nós, os adultos. Que a liberdade não tivesse necessariamente como consequência o estupro e o assassinato. (BUCCI 2005:92)

A violência não choca mais a sociedade. O erotismo e a pornografia, a quebra dos conceitos morais, o desrespeito para com as autoridades e o país são hoje argumentos comuns nos principais programas para o público jovem, haja vista a linguagem utilizada pelos seriados “Malhação” (Brasil) e “Rebeldes” (México) que movimentam o mercado com produtos licenciados (e também não licenciados).

Talvez esta insurgência seja fruto dos anos em que a nossa programação viveu sob o crivo forte da censura – aproveitando um ditado antigo: *hoje se confunde liberdade com libertinagem*.

A violência na televisão não está pura e simplesmente nos seus conteúdos, e sim na sua essência. Ela é elaborada e transmitida não só para trocar o real, mas também para oferecer “um gozo imediato ao telespectador” impedindo a reflexão crítica, instância onde não existem dúvidas, apenas desejos. A violência está implícita nos interesses ideológicos dos concessionários que, na busca dos lucros, oferecem ao telespectador aquilo que lhes é conveniente e não o que pode contribuir para uma sociedade mais justa e promissora.

1.3.1- A busca pelo sensacional

O sociólogo Pierre Bordieu, em uma dura crítica à televisão, expõe que o meio de comunicação tem o poder de abranger a um sem número de pessoas e que todos que se dispõem a transmitir algo utilizando este recurso deveriam se questionar sobre o que têm a dizer ao público, sobre qual o grau de importância de seu discurso para a sociedade.

O pesquisador acredita que a televisão instrumentaliza a informação e que seria interessante que artistas, jornalistas, escritores e intelectuais de diversas áreas do conhecimento se unissem contra a falta de qualidade da informação e restrições diversas a que estão submetidos, não fazendo valer o seu direito de expressão.

Segundo o sociólogo, o estilo de programação, em especial os programas jornalísticos, apresentam pautas pré-definidas geradas por uma censura invisível, que já discutimos anteriormente. A tela da TV se tornou um “espelho de narciso” para aqueles que querem se promover na sociedade, pois a grande maioria dos discursos não contribui na formação de cidadãos conscientes, na capacitação de pessoas para o exercício de seus direitos democráticos.

Existe uma constante busca pelo sensacional, pelo furo de reportagem. Conseqüentemente, as diferentes emissoras oferecem uma programação repetitiva, desnecessária e recheada de informações grosseiras, dando eloqüência àquilo que jornalistas (moldados pela filosofia do concessionário) julgam acontecimentos importantes.

“(…) Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado.

O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”. (BORDIEU 1997:25)

No início do mês de julho de 2007, o foco dos noticiários eram os “XV Jogos Panamericanos”, sediados no Brasil. As principais emissoras brasileiras (em especial a Globo e a Record, que detinham direitos de transmissão do evento) destinavam metade de seus telejornais à cobertura dos jogos e desempenho dos atletas brasileiros em modalidades diversas. Com a intenção de criar novos ídolos brasileiros, falava-se mais sobre um ou outro atleta que demonstrara bom desempenho em disputas preliminares (uma aposta natural, pois no caso do êxito deste esportista, os telejornais já teriam a garantia da notícia). A normalidade da situação se perdeu no início da noite do dia dezessete, no momento em que o *Airbus* da TAM, que chegava de Porto Alegre, sofreu um acidente ao tocar o solo do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, ocasionando a morte de mais de 190 pessoas, entre passageiros, tripulantes e funcionários da transportadora da própria TAM, com a o avião se chocou.

Durante toda a noite e pela madrugada adentro não se falava em outra coisa nas principais emissoras do país. Flashes ao vivo, reportagens em frente ao local, o

sofrimento dos parentes das vítimas enfim, toda uma gramática televisiva foi aplicada para mostrar ao telespectador a gravidade do desastre e conseguir alguns pontos de audiência.

Especialistas de solo, aviação e outras áreas técnicas aventuraram-se em expressar as suas opiniões em rede nacional. O depoimento de sobreviventes, o desconsolo de parentes e amigos, a sorte daqueles que iriam embarcar e não o fizeram por puro acaso, a “promoção” do corpo de bombeiros à categoria de “super-heróis”, a criação dos porta vozes sociais, tudo isso serve de notícia, tudo isso é variedade. Os Jogos Pan-americanos ficaram momentaneamente em segundo plano nos noticiários e os telespectadores puderam presenciar o espetáculo do sofrimento no aconchego de seus lares. Como consequência do excesso cometido pela mídia, aumentou o temor da população em relação aos problemas aéreos que, somando este evento, com o desastre do avião da GOL em setembro de 2006, foi designado “Caos Aéreo” uma expressão mais forte e de maior impacto social.

O caso acima descrito mostra que a televisão e os telejornais, ao invés de contribuírem com informação de qualidade, procuram acontecimentos sensacionais, notícias extraordinárias que beneficiam os concessionários na busca pela audiência.



Capítulo II

A Escola e a Televisão no desafio de educar

2.1 – Conceitos sobre educação

Ao viver em sociedade, sempre aprendemos ou ensinamos alguma coisa, uma espécie de conhecimento generalizado, onde todo o saber circula por meio de trocas interpessoais. A educação tem início no seio da família e, posteriormente, ganha novas dimensões a partir do momento que o indivíduo passa a criar relações exteriores. A educação serve para perpetuar a cultura, através do domínio sobre a natureza e a ampliação e o aprofundamento do saber.

Nas sociedades mais antigas, a educação era transmitida de geração para geração nas tarefas diárias, nas ações de subsistência. Com a evolução social, as formas de disseminação do saber sofreram inúmeras alterações, sendo formalizadas no ambiente escolar e tendo como mediador a figura do professor.

O conceito de educação limitou-se ao ato de ensinar, tendo a escola por finalidade “desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores¹²”. Em outras palavras, a escola, dentro do processo ensino e aprendizagem, tem o papel de oferecer ao indivíduo uma série de valores e padrões sociais por meio da chamada “educação formal”, que deve auxiliá-lo na formação humanística.

“A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem amostras em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social. Assim sendo deve ser evitada a abordagem simplista de encarar a educação escolar como o fator preponderante para as transformações sociais, mesmo reconhecendo-se sua importância na construção da democracia. (BRASIL, 1998;42)

¹² LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Capítulo II – Seção I – Artigo 22

A escola é o meio institucionalizado que a educação se realiza. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia e suas diversas teorias. Ela cria situações próprias para seu exercício, produz e reproduz seus métodos, baseados em princípios e intenções, estabelece as regras e métodos pelos quais atua. Pode formar um médico ou um operário, formar pensadores ou executores, reformadores ou conformados.

É evidente a importância dos meios de comunicação na educação moderna, em especial no que diz respeito aos jovens. Hoje, a televisão, o rádio e a Internet podem ser considerados as principais fontes de fantasia e informação deste público em específico; porém, a apresentação de informações tendenciosas, produções que incentivam o consumerismo, exploração do sexo e da violência como artimanha para o aumento da audiência são fatores que preocupam diversos estudiosos do assunto.

Trabalhar em sala de aula os temas disseminados pela mídia não é tarefa fácil; por isso, alguns educadores posicionam-se radicalmente contra a TV, tratando-a como adversária, o que acaba distanciando os alunos desses temas ao invés de fazer com que reflitam, pensem criticamente sobre eles.

“A mídia pode ser uma grande aliada no processo educacional: é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico. Do ponto de vista educativo, o problema não está no consumo, mas no consumo passivo de tudo que é veiculado. Numa época em que a imagem é particularmente valorizada, a influência da televisão entre os jovens vem crescendo acentuadamente. A ampla difusão, pela televisão, do que acontece com os adolescentes e jovens no mundo inteiro influencia a produção dos estilos em todos os níveis, contribuindo decisivamente para que um mesmo estilo possa ser encontrado nos mais diversos continentes. A partir dessa amplitude, os jovens são criticados como meros consumidores, como meros imitadores. E aqui é preciso cuidado: o que se observa é uma relação complexa, pois os jovens, ao mesmo tempo que assimilam, fazem uma reelaboração do bem cultural. A mídia tem se mostrado extremamente eficaz e rápida na percepção e apropriação de elementos culturais inovadores produzidos por certos grupos juvenis, dando a falsa impressão de ser a autora das inovações.”
(BRASIL 1998;120)

A escola, na sua função de contribuir na formação de indivíduos capazes de exercer sua cidadania de forma participativa e transformadora, deve estar pronta para incorporar novos hábitos, percepções e comportamentos. A instituição escolar deve integrar a cultura tecnológica extra-escolar do corpo docente e discente ao seu

dia-a-dia e desenvolver, especialmente nos alunos, habilidades para utilizar esta cultura.

No caso específico da televisão, os educandos têm contato com assuntos diversos e, conseqüentemente, nem todos são esclarecidos ou trabalhados devidamente. Religião, política, cultura, economia, esportes, música, drogas, sexo e outros temas são exibidos nos programas televisivos, em concepção e graus de complexidade variados. A pouca capacidade crítica para lidar com estas informações e o distanciamento do professor diante das expectativas do aluno podem ocasionar problemas de comportamento em sala de aula e um menor aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem.

Um dos assuntos mais discutidos no meio educacional é justamente a relação professor-aluno. De um lado, figura o professor, que detém o poder decisório quanto à metodologia, o conteúdo, a avaliação. De outro, o aluno, que por convenção social é dependente e respeita (ou deveria respeitar) a autoridade do professor em sala, esperando que o mestre compartilhe o seu conhecimento.

Para entendermos esta relação, devemos primeiro observar a educação como transmissão cultural de comportamentos e práticas sociais éticas, necessárias para a manipulação do mundo e do ambiente, com a intenção de promover mudanças positivas no indivíduo. Para se alcançar este objetivo, o professor como agente disseminador da educação utiliza-se de práticas metodológicas para a transmissão do conteúdo, despertando o interesse do aluno e aumentando o seu desempenho. Segundo Maria da Graça Mizukami, “o homem é o sujeito da educação; há a necessidade de tomar consciência da realidade e da capacidade de transformá-la. A educação deve permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer contato com outros homens”.

Não é possível uma educação neutra, existe sempre um caráter político; a alfabetização e a pós-alfabetização são parte de uma ação cultural. A escola é o local de crescimento mútuo do professor e dos alunos, no processo de conscientização. É uma instituição que existe num contexto histórico de uma determinada sociedade e é necessário que se entenda como o poder se constitui na sociedade para compreendê-la.

Em resumo, a escola é um elemento transformador integrante de um sistema social que, com a mediação do professor, prepara o aluno para o mundo adulto e suas contradições. Os conteúdos oferecidos por esta instituição são universais, porém devem ser apresentados de acordo com o receptor. Os métodos adotados pelo docente devem favorecer o entendimento do alunado, aliando a teoria à prática e ajudando no processamento das informações de forma clara. No percurso que acontece desde o método que o professor utiliza para transmitir o saber até a forma com que o aluno assimila este conteúdo dá-se o nome de processo ensino e aprendizagem.

2.2 – Mediações pedagógicas

As constantes inovações tecnológicas ligadas à informação fazem com que o professor passe a questionar-se sobre os métodos que utiliza para levar o conhecimento ao aluno e estimulá-lo a aprender.

Muitos profissionais ainda trabalham como no passado, utilizando a velha fórmula “giz e saliva”, correndo o risco de não transmitir ao aluno o prazer do conhecimento. Ensinar é um processo social que deve ser adequado a cada cultura e acima de tudo ajudar o discente na construção de sua identidade e busca da realização pessoal e profissional.

Dentro deste contexto, muitos professores se deparam com alguns problemas de trajeto: a impaciência e indisciplina do aluno, a falta de recursos da escola (financeiros e tecnológicos) e até mesmo o seu despreparo diante de novas linguagens. É claro que o trabalho com o aluno seria muito mais fácil se todos os professores tivessem salas próprias, com todo aparato tecnológico, como computadores com Internet e programas atualizados, rádio, televisão e outros aparelhos, à sua disposição; no entanto, o principal desafio continuaria a existir: ensinar e educar com qualidade.

“Há uma preocupação com ensino de qualidade mais do que educação de qualidade. Ensino e educação são conceitos diferentes. No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação e ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos

realize e contribua para modificar a sociedade que temos.” (MORAN 12; 2003)

Outros fatores também interferem na educação de qualidade. A instituição escolar é muito pressionada por mudanças e nem sempre conta com políticas públicas eficientes que a ajudem a promover a igualdade social.

Uma boa educação depende também do aluno. A motivação por parte do discente facilita o processo ensino e aprendizagem. Quando o aluno é parceiro do educador, ambos aprendem e ensinam com cumplicidade, partindo do ponto de vista de que o educador também aprende com as experiências individuais e vivência do aluno.

Cada vez mais a sala de aula recebe influências exteriores. O aluno da era tecnológica está envolvido e tem conhecimento de novas formas de informação (como é o caso das mídias eletrônicas, o que faz muitas vezes com que o professor se depare com uma classe de repertório com “conexões” abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização racional e facilitam o entendimento do aluno, possibilitando respostas imediatas mas sem reflexão ou compreensão de seu contexto. Em contrapartida, esses conhecimentos do educando podem ser um problema para o profissional despreparado em relação às multimídias, já que este pode encontrar dificuldade na mediação entre as linguagens.

Marshall McLuhan, em 1964, iniciou o capítulo dedicado à televisão da obra “Os meios de comunicação como extensões do homem” com a seguinte afirmação:

“Talvez que o efeito mais comovente e familiar da TV seja o comportamento das crianças que cursam o primário. Desde o aparecimento da TV, as crianças costumam ler com os olhos a apenas 15 centímetros, em média da página – independentemente das condições de suas vistas. Procuram levar para a página impressa os imperativos da total envolvimento sensorial da imagem da TV. Com uma perfeita habilidade psicomimética, executam as ordens da imagem televisionada. Prestam atenção, investigam, aquietam-se e envolvem-se em profundidade. É o que aprenderam a fazer na fria iconografia do meio das histórias em quadrinhos. A TV levou o processo bem mais adiante. E de repente as crianças se vêem transportadas para o meio quente da palavra impressa, com seus padrões uniformes e rápido movimento linear. Inutilmente tentam ler em profundidade. Lançam na palavra impressa todos os seus sentidos – e ela os rejeita.- A imprensa exige a faculdade visual nua e isolada, não a sensorialidade unificada.” (MCLUHAN 346;1964)

Estes parágrafos fazem parte de alguns primeiros estudos da recepção do meio pela a sociedade. Parece que, desde aquela época, o reflexo do meio na educação e na formação dos valores que constituirão o homem como cidadão já era discutido. A questão é que, naquele período, se observava a televisão como objeto, que o autor classifica como “frio”. Hoje, mais do que o objeto, analisamos o conteúdo e sabemos que ele não forma valores ou atua no indivíduo sem outras influências do meio social.

Na formação do repertório do adolescente, vamos encontrar a ação de outras instâncias organizadas e eficientes. A família é a instância inicial de organização e compreensão do mundo. Os meios de comunicação tem um papel de pedagogia aberta, de entretenimento e de preenchimento do lazer como atividade principal e, em um segundo momento, propõe-se a transmitir uma forma sistematizada de saber - como é o caso dos telecursos, modelo corriqueiro do meio televisivo.

Amiga, companheira, educadora, a televisão está presente no dia a dia da criança e do adolescente oferecendo referências sociais fora do contexto escolar, mas encontrando espaço na escola, uma vez que os assuntos da programação corriqueiramente fazem parte dos discursos, hábitos de consumo e brincadeiras do educando. Antes mesmo de o indivíduo saber o que é um professor, a TV o abastece de informações no seio familiar, influenciando o pensamento e seu comportamento como ser social. Segundo o pesquisador Laurindo Leal Filho, “a TV aberta é o educador hegemônico da sociedade brasileira. É a única janela dessa população para o mundo”.

“Na sociedade atual, em virtude da rapidez com que temos que enfrentar situações diferentes a cada momento, cada vez utilizamos mais o processamento multimídico. Por sua vez, os meios de comunicação, principalmente a televisão, utilizam a narrativa com várias linguagens superpostas, que nos acostuma, desde pequenos, a valorizar essa forma de lidar com a informação, atraente, rápida, sintética, o que traz conseqüências para a capacidade de compreender temas mais abstratos de longa duração e de menos envolvimento sensorial”.(MORAN 20; 2003)

É muito comum que o professor que trabalhe com alunos adolescentes se depare com momentos de desatenção da turma, pois o alunado está acostumado com a riqueza e a velocidade de informações oferecidas TV, o que faz com que até

a aula mais bem preparada e rica em informações torne-se monótona. O jovem foi condicionado a esta linguagem desde pequenino.

A forma de relação que os meios estabelecem com as novas gerações faz com que cada vez mais sejam utilizados vários canais sensoriais e linguagens simultâneas, favorecendo meios de assimilação mais fáceis e imediatas. Com a sociedade da informação, as pessoas (em especial crianças e jovens) procuram respostas instantâneas e resultados imediatos não fazendo uma leitura crítica do meio. Uma conseqüência é o desinteresse pela pesquisa e pela leitura.

O fato é que o aluno não possui mecanismos de mediar estes dois códigos. A compreensão dos meios de comunicação oferece ao indivíduo a possibilidade de deixar de ser um mero receptor de idéias e mensagens e tornar-se um elemento ativo do processo de comunicação, questionando as informações disseminadas pela grande mídia e agindo de forma positiva no meio social. Segundo o professor José Manuel Moran, “educação leitura-crítica é um processo de constante ajuste no sistema de valores, um processo onde se entrelaçam a decodificação – a percepção do mundo – e a valoração – a qualificação da percepção – misturando-se a decodificação e a avaliação”. Esta leitura contribui na formação do sistema de valores do sujeito, auxiliando na triagem das informações impostas pelos meios, como o consumismo, o individualismo, a competição, nos contextos religioso, familiar, de trabalho, de classe e de grupo.

2.3 – Mídia para a criança e o adolescente

“A TV brasileira faz mal ao público infanto-juvenil”: essa foi uma das conclusões obtidas no *Seminário Internacional TV Q, Criança, Adolescente e Mídia*, que aconteceu no período de 9 a 11 de dezembro de 2003 no Sesc Vila Mariana em São Paulo. Este seminário contou com a presença de 25 estudiosos da TV (brasileiros e estrangeiros) dentre os quais estavam Regina de Assis, Laurindo Leal Filho, Beth Carmona e Cecília Von Feilitzen (pesquisadora sueca e coordenadora científica da Câmara Internacional da Unesco para Crianças, Jovens e Mídia – Nordicom). Os conferencistas debateram os efeitos da programação televisiva na vida das crianças e dos jovens. Uma outra conclusão importante foi que a sociedade

precisa começar a se organizar para exigir uma TV de qualidade, por meio de campanhas, projetos de lei, denúncias e outras formas de mobilização. Segundo Cecília Von Feilitzen, “é preciso brigar pelo fortalecimento da TV pública não só no Brasil, mas em todos os países, inclusive nos chamados desenvolvidos, que também sofrem por falta de verbas e raramente têm forças para mostrar uma opção de audiência à população”.

Apesar das constatações do seminário e da preocupação dos pais a respeito da programação televisiva, a pesquisa revelou que o meio apresenta diversos pontos positivos. Segundo a revista *Produção Profissional* de janeiro de 2004, a pesquisa Kiddo’s também revelou que “para muitos pais, a TV é um importante caminho para a criança adquirir conhecimento e ter acesso ao mundo digital e à informatização. A televisão seria ainda um meio pelo qual os pais poderiam entender seus filhos e discutir valores e comportamentos”.

2.3.1 – Os efeitos da programação

Segundo especialistas da Organização das Nações Unidas (ONU), a programação da TV aberta no Brasil apresenta um alto índice de violência e banalidade. Seis emissoras foram analisadas durante uma semana no ano de 1998 e, da programação destinada ao público infanto-juvenil, os desenhos animados foram campeões de violência. Foi constatado que em cada 60 minutos de animações, 20 crimes são exibidos, mesclando situações de lesão corporal até homicídios. Esse levantamento oferece uma média semanal de 1.432 atos violentos, justificando por vezes a preocupação dos pais que acreditam que isso influencia na vida de seus filhos de forma negativa.

Cerca de 90% das animações exibidas no Brasil são de origem americana e japonesa, transmitindo mensagens e valores de outras culturas.

Apesar do desenho animado apresentar essas características, alguns estudiosos concluíram que ele pode ser um excelente instrumento pedagógico e que ele deveria ser incorporado no cotidiano das instituições de ensino, já que ele agrada e diverte. De acordo com a pedagoga Elza Pacheco, coordenadora do laboratório de Pesquisa sobre a Infância, Imaginário e Comunicação (Lapic) da USP,

“a criança sabe exatamente que os desenhos são uma cópia da realidade”. E, segundo ela, os *cartoons* não chegam a influenciar negativamente seu comportamento, salvo raras exceções: “Concluí que as crianças gostam de desenho animado, pois, por meio dele, elas desafiam a regra que os adultos impõem no seu dia-a-dia e substituem o tempo métrico, que é real, pelo tempo psicológico, que permite libertar-se da gravidade, ficar invisível, e, assim, comandar o universo por conta própria”¹³.

O fato é que o desenho animado oferece linguagens denotativas e conotativas que a criança reconhece e, por vezes, direciona para suas brincadeiras (sabendo o limite entre o real e o imaginário). Por trás de histórias repletas de lutas e frases espiritualistas, existe a indústria do consumo, que sabe muito bem como vender produtos. Não podemos fechar nossos olhos e acreditar que tudo está bem: a exposição excessiva pode trazer danos irreversíveis na formação do ser social como a dessensibilização (quanto a sentimentos de dor, perda, vitória) e a banalização do amor e da vida.

A infância e a juventude são fases da vida em que o indivíduo recebe os conteúdos (formais e informais) que constituirão a sua identidade. A ausência de limites e controle dos pais e responsáveis perante as atitudes dos jovens pode gerar problemas na formação do homem como ser social. Pelo que pudemos observar até o momento, os meios de comunicação, em especial a TV, tem o poder de influenciar (de forma positiva ou negativa) no repertório do indivíduo, muitas vezes sendo acusada de ser a principal causa da rebeldia dos jovens.

2.3.2- A relação da criança e do adolescente com a televisão

A televisão tem o poder de transformar qualquer informação, por mais banal que seja, em um espetáculo imediatizado. Ela acrescentou mais credibilidade ao jornalismo e criou uma linguagem bastante peculiar de entretenimento, tomando por empréstimo experiências do rádio, do teatro e do cinema.

¹³ Depoimento extraído da revista Produção Profissional de janeiro de 2004 – página 20.

As emissoras apresentam hoje atrações com uma linguagem fácil em sua grande maioria, visando o entretenimento e sem uma maior preocupação com os efeitos sociais que tais mensagens podem gerar. Alguns estudiosos, como John Condry¹⁴, acreditam que a programação televisiva pode ser nociva para o desenvolvimento do ser social, mas que, se usada de maneira adequada, poderia contribuir com a educação como mais um instrumento de transmissão do saber.

“Cada mensagem televisiva que nos diz <<recuse a droga>>, seis dizem-nos <<se não se sente bem, tome qualquer coisa, que melhora>>. Não dorme? Tome um tranqüilizante. Está sempre a dormir? Tome um excitante. Quer emagrecer? Tome um anorexígeno. Sente-se abatido? Tome um medicamento, ou beba uma cerveja ou um copo de vinho. Assim enquanto as campanhas de interesse público se esforçam por sensibilizar as pessoas para os perigos da droga e por lutar contra o abuso do álcool, a maior parte das mensagens televisivas pintam um mundo onde estes produtos são profusamente utilizados. Que ensina a televisão aos jovens sobre este assunto? Na realidade, não lhes revela que essas drogas são legítimas, que fazem parte da nossa cultura, com exceção, naturalmente, das que figuram na lista das drogas ilegais?”
(CONDY, 1999:52)

É claro que seria incorreto afirmar que a televisão só apresenta atrações ruins. Existem produções com grande qualidade técnica e de conteúdo primoroso (haja vista a programação infantil da TV Cultura de São Paulo e TVE do Rio de Janeiro). A pesquisadora Elen Bee explica que “programas criados especificamente para serem educativos ou para ensinar valores positivos às crianças possuem efeitos claramente positivos”.

De fato não é possível culpar isoladamente a televisão pela criação de uma sociedade consumerista. No entanto, devemos concordar que os apelos transmitidos por ela têm se mostrado irrecusáveis. As pessoas não se apropriam das informações: são apropriadas.

O poder da televisão está na paixão do telespectador pelo aparelho. Vejamos, a título de curiosidade, alguns dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD¹⁵ 2005:

¹⁴ John Condry, psicólogo americano, ensinou na Cornell University. Foi co-diretor do Centro de Pesquisas sobre os Efeitos da televisão.

¹⁵ PNAD é uma pesquisa desenvolvida anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em uma amostra de domicílios brasileiros e que, por ter propósitos múltiplos, investiga diversas características sócioeconômicas como população, educação, trabalho, rendimento dentre outras coisas.

“No total de moradias do País, 88,0% tinham geladeira, 16,7% possuíam freezer e 35% contavam com máquina de lavar roupas. A televisão estava presente em 91,4% dos lares seguida pelo rádio com 88,0%, enquanto o microcomputador estava disponível em 18,6% das residências. Constatou-se, ainda, que em 13,7% dos domicílios havia microcomputador com acesso à internet.” (PNAD, 2005, 42)

No ano de 2005, a televisão estava presente em 91,4% dos lares brasileiros, enquanto a geladeira (um eletrodoméstico essencial no nosso dia a dia) estava presente em 88,0% dos domicílios pesquisados. A pesquisa ainda apontou a proporção dos aparelhos por região, ficando a região sudeste no topo da lista das regiões com o maior número de televisores e microcomputadores.

O Professor Luiz Costa Pereira Junior, organizador do *livro “A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano”* reforça o dado acima ao afirmar que “a TV brasileira conquistou em menos de cinquenta anos o que provavelmente nenhuma outra indústria conseguiu no século inteiro. É mais importante do que a geladeira para o brasileiro”.

A formação do caráter de um indivíduo passa por diversas instâncias – família, escola, mídia, gestão pública, trabalho – e cada uma destas instâncias exerce responsabilidade no repertório que ele carregará consigo. Cabe indagar o que cada um tem e pode oferecer na formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres.

A televisão pode ser considerada uma nova instância – como discutimos anteriormente, um novo espaço público que utiliza uma linguagem sedutora para a criação de hábitos e formação da opinião pública. A linguagem da sedução que o meio de comunicação em questão possui contribui no comportamento dos indivíduos desde muito jovens.

Logo na primeira infância, a criança reconhece o ambiente onde vive, começa a conhecer-se e a conhecer o mundo exterior. Ela começa a assimilar valores e comportamentos e, conseqüentemente, a influência de seu entorno é muito grande. Segundo Alessandra Pontes, diretora de distribuição da Nickelodeon¹⁶, em entrevista para o programa “Ver TV¹⁷”, “cabe aos pais a incumbência de selecionar o que é e o que não é adequado para as crianças assistirem. Também cabe aos pais

¹⁶ Canal de televisão por assinatura com programação voltada para o público infanto-juvenil.

¹⁷ Programa exibido pela TV Câmara apresentado por Laurindo “Lalo” Leal Filho. A atração se propõe a discutir a televisão, sua programação e efeitos sociais.

o dever de observar e tirar proveito de brincadeiras e informações que a criança recebe diariamente”. No entanto, na periferia das sociedades urbanas e industriais, esta realidade pode não ser tão constante. Desde muito pequenos os filhos são privados de uma relação mais lúdica com seus pais, que, para garantir o sustento da família, são obrigados a ausentar-se por grandes períodos do dia.

A família brasileira foi condicionada a se reunir para o jantar diante da TV e não promove uma discussão acerca das mensagens que recebe. Esta ação tão mecânica mostra o quanto a sociedade é despreparada para analisar a informação, rendendo-se facilmente às ideologias e imposições dos concessionários de TV.

“A TV, por sua vez, enquanto canal de comunicação sócio-cultural, produz a notícia, a informação, o entretenimento e campanhas que visam mobilizar a ação social do público. Sua produção encontra-se a serviço do sistema social em que se localiza. Portanto, também a sua produção baseia-se na doutrina social, ou na ideologia do sistema, que não é posta em questão”. (PENTEADO, 2000;34)

A falta de diálogo ainda é um dos piores inimigos para a formação social da criança e do adolescente. Assuntos como o sexo, por exemplo, são amplamente disseminados pelos programas televisivos e deveriam ser discutidos e trabalhados no seio familiar; no entanto, esta é uma cultura que ainda não é praticada. Neste caso em específico, o jovem contemporâneo conhece mais sobre o assunto, mas nem sempre é bem informado sobre as formas de prevenção da natalidade e de doenças sexualmente transmissíveis. A erotização na programação televisiva apresenta sua parcela de culpa nesta “informação parcial”.

Os adolescentes (principalmente aqueles que são menos desenvolvidos em consequência de uma maturação tardia, provindos de classe média e com boa educação formal) tendem a empregar a intelectualização para lidar com sentimentos problemáticos. Eles passam questões de interesse pessoal para uma forma não concreta, filosófica, como uma estratégia para lidar com elas. Problemas com a sexualidade, amizade, aceitação ou questões exteriores podem refletir em preocupações emocionais.

2.4 – Censura e classificação indicativa

Com a assinatura do Ato Institucional nº 5 (o AI-5) em dezembro de 1968, as artes e a comunicação sofreram os efeitos da censura prévia, fruto da política ditatorial do país, que mergulhou numa era de censura aos meios de comunicação que, simplesmente, vetava o que contrariasse o discurso oficial. Nada veiculado pela TV passava despercebido pelo crivo da censura, nem mesmo os intervalos comerciais. O fato é que, em doses maiores ou menores, com ou sem censura, os conteúdos violentos e/ou sexuais sempre fizeram parte da programação brasileira, inclusive das propagandas.

A programação e as propagandas passavam obrigatoriamente pelos censores da polícia federal que autorizavam ou não a exibição das produções. O grande problema da época era que qualquer coisa poderia ser considerada imoral, tudo dependia da visão do censor.

Com a extinção da censura institucional, em 1985, a televisão começou a trabalhar questões que se aproximaram da realidade; porém, nem sempre primando pelo cumprimento de seu papel social. Talvez, tantos anos de ditadura tenham deturpado o censo crítico da população e hoje é difícil precisar se as atrações de baixa qualidade são exibidas por imposição das emissoras ou por um baixo repertório do público.

Uma pesquisa realizada recentemente pelo Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública - mostrou que os empresários brasileiros perderam a confiança no meio televisivo e não acreditam que as cenas de violência e de sexo deixem de fazer parte da programação. Durante o mês de julho de 2007, foram selecionadas 381 grandes empresas brasileiras e 537 executivos foram entrevistados. De acordo com reportagem do caderno “Ilustrada” do jornal Folha de São Paulo de 01 de outubro de 2007, o objetivo era saber o que eles pensam sobre sustentabilidade e responsabilidade social, os resultados foram os seguintes:

“Para 48% dos entrevistados, a violência e o sexo na televisão vão piorar – em 2005, esses percentuais eram, respectivamente, de 51% e 52%. Os que acreditam que os níveis vão se manter iguais, eram de 35%, passaram a 45%. Em contrapartida, os que acham que a violência (14%) e o sexo (13%) vão melhorar agora são só 7%. A confiabilidade plena na TV aberta, que era de 61% em 2005, foi reduzida para 52%. A TV

também perdeu “eficiência”. Com ela, há dois anos alcançava-se o que se buscava para 65% dos executivos. Hoje, só para 49%.¹⁸

A conclusão desta pesquisa afirma que as emissoras de televisão apresentam atrações de baixo nível porque existe público para as mesmas. Tal estudo comprova que nem mesmo a elite executiva, que financia as produções televisivas com anúncios de seus produtos, acredita na qualidade do meio. Com exceção de algumas produções que exigem do espectador um melhor repertório, a televisão está recheada de programas que visam ao entretenimento sem compromisso, promovendo um festival de baixarias e falta de conteúdo. São shows humorísticos, telenovelas, *reality shows*, *programas de auditório*, dentre outros gêneros. Direta ou indiretamente, os assuntos apresentados nestas atrações fazem parte do discurso do alunado e, conseqüentemente agregam valores (nem sempre positivos) ao seu repertório cultural.

“(…) A escola tem que utilizar e tratar as linguagens que se desenvolvem em seu ambiente, no cotidiano de seus alunos. E não só como um recurso didático, mas como cultura que efetivamente são. Não pode persistir a situação de que a escola esteja fechada para manifestações e práticas que envolvem seus alunos, e que assim que entram na escola de qualquer maneira, transformando-se em relações esquizofrênicas. A escola, por exemplo, tem que utilizar a televisão, conhecê-la mais, até com o sentido de interferir em seus processos, e não ao contrário, como inclusive muitos acreditam que deva ser – para gratificar emoções, facilitar situações e fazer das aulas um espetáculo, fugindo das verdadeiras relações de conhecimento, que nem sempre são fáceis.” (MELLO, 1998;141)

A escola tem – ou deveria ter – a obrigação de preparar as novas gerações a interpretar os símbolos culturais e ensinar a fazer uma leitura crítica dos meios, em especial da televisão. De qualquer forma, essa atitude não exime o compromisso que as emissoras deveriam ter junto à sociedade na formação de futuras gerações.

Pensando nesta responsabilidade que nem sempre é levada em conta pelas emissoras no momento, de se desenvolver atrações diversas, em especial para o público infanto-juvenil, o Ministério da Justiça, em parceria com órgãos estatais, empresas de comunicação e organizações não governamentais, realizou discussões com a finalidade de desenvolver e colocar em prática a Classificação Indicativa no Brasil, que obrigou as emissoras de TV a exibirem, no início de cada programa, a

¹⁸ CASTRO, Daniel. Para executivos, baixaria na TV vai piorar. Caderno Ilustrada. Jornal Folha de São Paulo,

faixa etária para a qual é recomendado. Trata-se de uma tentativa de instruir pais e responsáveis sobre o tipo de programação, diminuir o número de crianças e adolescentes que assistem programas inadequados e, acima de tudo, fazer cumprir a constituição brasileira.

A lei que rege a ação da TV em nosso País foi escrita na década de 60 e é mantida até hoje como documento regulador do meio de comunicação em território nacional. Este documento, intitulado Código Brasileiro de Telecomunicações, prevê que os concessionários de televisão, para manterem seus direitos de utilização do espectro de frequência, devem cumprir sua finalidade informativa, destinando um mínimo de 5% (cinco por cento) de seu tempo para transmissão de serviço noticioso, e os seus serviços estão subordinados às finalidades educativas e culturais inerentes à radiodifusão, visando aos superiores interesses do País. Infelizmente nem sempre tais interesses são efetivamente cumpridos.

É importante frisar que a nova Classificação Indicativa também contempla a determinação do artigo 76 do estatuto da criança e do adolescente de que somente devem ser apresentados em horário recomendado para o público infanto-juvenil programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. Na constituição de 1988, o artigo 221 ampara este direito de forma imperativa:

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I- preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II- promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III- regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV- respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

A Classificação Indicativa é um instrumento de proteção e promoção dos direitos humanos que, de maneira democrática, regula, pelos Estados Nacionais, as

instituições emissoras / produtoras de conteúdos audiovisuais. A Classificação Indicativa não deve ser observada como uma “castração” dos direitos de expressão e sim como uma forma de praticar um direito do telespectador.



Figura 3: “Todo programa de TV aberta tem uma classificação por idade. Mas o que conta mesmo é a sua opinião”.

Alguns concessionários trabalharam de maneira intensa junto à opinião pública a idéia de que a medida promove o retorno da censura e de que os pais ou responsáveis é que devem decidir o tipo de programação que suas crianças e adolescentes irão assistir, eximindo as emissoras de qualquer responsabilidade.

Realmente, apenas a regulamentação sem a orientação dos pais e responsáveis não oferece a garantia de que os jovens terão acesso a programas televisivos de qualidade. Porém, oferece ao telespectador a possibilidade de reduzir os excessos e evita surpresas desagradáveis durante o tempo em que a família está reunida diante do aparelho.



A indicação de inadequação de conteúdos audiovisuais para determinada faixa de idade acontece por meio de tendências com categorias bastante abrangentes. Vejamos a seguir:

- Especialmente recomendado para crianças e adolescentes

Tendem a ser considerados como especialmente recomendados para crianças e adolescentes, obras, diversões e espetáculos que contenham predominantemente os conteúdos contextualizadores e / ou positivos, apresentados como elementos importantes na potencial redução das faixas etárias recomendadas.

Nesse sentido e, por essa razão, para avançar de maneira mais contundente no incentivo à produção de conteúdos de qualidade, fica estabelecida a categoria especialmente recomendado para crianças e adolescentes.

- Livre para todos os públicos

Tendem a ser considerados como livres, as obras, diversões e espetáculos que não contenham os elementos determinantes para a recomendação da programação à idades superiores a 10 anos, inclusive.

Vale ressaltar que a classificação livre restringe-se a indicar obras, diversões e espetáculos que não tragam inadequações e /ou discussões sem contexto.

- Não recomendado para menores de 10 anos

Tendem a ser considerados como “não recomendado para menores de 10 anos”, obras, diversões e espetáculos que contenham, cumulativa ou alternativamente as seguintes categorias de conteúdos:

- Linguagem depreciativa e obscena;
- Ameaça, agressões física ou verbal;
- Insinuação de consumo de drogas.

- Não recomendado para menores de 12 anos

Tendem a ser considerados como “não recomendado para menores de 12 anos”, obras, diversões e espetáculos que contenham, cumulativa ou alternativamente as seguintes categorias de conteúdos:

- Nudez velada;

- Insinuação de sexo;
- Linguagem e gesto obsceno;
- Erotismo;
- Exposição de pessoas em situação constrangedora ou degradante;
- Narração detalhada de crime e atos agressivos;
- Agressão física ou verbal (exemplo: assassinato velado e maus tratos de animais);
- Exposição de cadáver;
- Insinuação de consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Em se tratando de programas destinado à televisão esta tendência representa também classificação de obra não recomendada para antes de 20 horas.

- Não recomendado para menores de 14 anos

Tendem a ser considerados como “não recomendado para menores de 14 anos”, obras, diversões e espetáculos que contenham, cumulativa ou alternativamente as seguintes categorias de conteúdos:

- Nudez;
- Relação Íntima (inclui masturbação);
- Linguagem (gestos e palavras) obscena e degradante repetida e em excesso;
- Violência (agressão física e verbal, assassinato, tortura, suicídio);
- Consumo de drogas ilícitas;
- Consumo explícito e repetido de drogas lícitas.

Em se tratando de programa destinado à televisão esta tendência representa também classificação de obra não recomendada para antes das 21 horas.

- Não recomendado para menores de 16 anos

Tendem a ser considerados como “não recomendado para menores de 16 anos”, obras, diversões e espetáculos que contenham, cumulativa ou alternativamente as seguintes categorias de conteúdos:

- Relação Sexual;
- Nudez e carícias íntimas;
- Violência detalhada (assassinato, agressão física, tortura, estupro, mutilação, abuso sexual);
- Consumo explícito de drogas ilícitas;
- Indução ao uso de drogas.

Em se tratando de programa destinado à televisão esta tendência representa também classificação de obra não recomendada para antes de 22 horas.

- Não recomendado para menores de 18 anos

Tendem a ser considerados como “não recomendado para menores de 18 anos”, obras, diversões e espetáculos que contenham, cumulativa ou alternativamente as seguintes categorias de conteúdos:

- Sexo explícito;
- Pornografia;
- Violência Excessiva (assassinato, tortura, estupro, suicídio, mutilação, exposição detalhada de cadáveres);
- Apologia à violência;
- Consumo explícito de drogas ilícitas;
- Apologia ao consumo de drogas.

Em se tratando de programa destinado à televisão esta tendência representa também classificação de obra não recomendada para antes das 23 horas e no caso de conteúdo pornográfico, para antes das 24 horas.

É importante sinalizar que mesmo diante de um sistema de Classificação Indicativa eficiente, a participação dos pais e da escola se faz necessário na capacitação crítica de crianças e adolescentes. Se os jovens forem orientados a assistir TV não como disseminadora de entretenimento fácil e sim como formadora de opinião, fica enfraquecido o potencial impacto negativo da programação.

2.5.1 – Televisão educativa

O conceito inicial de televisão educativa não propunha necessariamente a criação de emissoras com finalidades educacionais e sim a disseminação da educação e cultura via TV, por meio de programas e projetos. A proposta aplicava-se em diversas ações, dentre elas transmissões de circuito fechado e utilização de vídeos em sala de aula.

O primeiro projeto deste conceito de TV educativa é de autoria norte-americana. Pelo fato de não visar o incentivo ao consumo e ao lucro, esta empreitada não recebeu apoio de empresas privadas, ficando à margem do processo. A primeira proposta da TV educativa (no caso americana) ficou sob os cuidados de instituições de ensino e com exibição em circuitos internos de escolas conveniadas.

A idéia, ao ser desenvolvida na Europa, tomou uma outra direção. A TV que não visava lucros foi gerenciada pelo Estado em benefício do cidadão. A maior preocupação dos países europeus era não cumprir as premonições da Teoria Crítica, perspectiva em grande discussão no momento em que a TV dava seus primeiros passos dentro da sociedade. Os Estados Unidos já haviam dado claros sinais de que haviam se rendido à manipulação por parte dos detentores do poder e isso reforçava o discurso dos pensadores da Escola de Frankfurt, por exemplo. A TVE surgiu na Europa com o princípio de formar um cidadão crítico do meio social em que vive, com repertório e conhecimento para tomar decisões em seu benefício e em benefício da comunidade.

O que há em comum entre o modelo americano e o europeu é que irá se repetir em outros países, inclusive no Brasil é que elas foram concebidas como consequência da criação de um novo meio de comunicação.

Ao contrário da TV comercial, a programação das TVE's sempre visou unir comunicação e educação; porém, esta fórmula, apesar de ser muito cobrada pela sociedade, nem sempre rendeu as audiências desejadas, ocasionando a falta de investimentos.

É válido frisar que o que caracteriza um programa educativo não é a emissora que o exibe ou o gênero em que ele se enquadra. Segundo Cláudio Marcio

Magalhães, em seu livro *“Os programas Infantis da TV – Teoria de prática para entender a televisão feita para as crianças”*, um programa educativo é aquele que contribui para a formação pessoal, educacional e social do indivíduo de maneira integrada à malha social em que está inserido.

“Portanto, o programa educativo deve ser aquele capaz de divertir, interagir com o telespectador em geral (e com a criança em particular) de uma maneira mais complexa, prazerosa, despertando-lhe os sentidos em conjunto com a reflexão, agregando informações ao seu cotidiano, reforçando conhecimentos apreendidos na educação formal, produzindo experiências interdisciplinares e extemporâneas.”(MAGALHÃES 2007;33)

A primeira iniciativa para a criação de uma TV direcionada para a programação educativa e cultural no Brasil partiu da Fundação João Batista do Amaral (TV Rio) no ano de 1961. Esta emissora produziu um curso destinado à alfabetização de adultos sob a direção de uma professora que lecionava para alunos do 1º grau, permanecendo no ar até 1965.

No ano de 1964, uma comissão constituída por funcionários do MEC e do CONTEL (Conselho Nacional de Telecomunicações) começou a estudar o projeto de um Centro Brasileiro de TV Educativa mantido sob a forma de fundação e mais tarde autorizado pelo poder executivo sob a lei nº 5.198 de 03 de janeiro de 1967. O grande problema da emissora sempre foi a ausência de recursos financeiros, pois a fundação era mantida pelo Governo Federal, que muitas vezes demorava para direcionar as verbas. A fundação não possuía um canal para a transmissão direta dos cursos, por isso contava com a cooperação espontânea das emissoras comerciais.

Em 1970, o Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, e o Ministro das Comunicações, Higinio Corseti, assinaram uma Portaria Interministerial de nº 408/70 (MEC-MINICOM) que estabelecia uma norma de exibição obrigatória e gratuita de programas educacionais em emissoras comerciais durante cinco horas semanais. A partir desta lei, a TVE foi encarregada de suprir essa programação em todo o país; porém, a emissora não estava preparada para este encargo. Apesar deste imprevisto, a TVE continuou suas atividades oferecendo programas sem grande

qualidade técnica, mas com um conteúdo bastante amplo e até mesmo premiado no exterior, como foi o caso do programa infantil “*Patati-Patatá*” que recebeu o “Prêmio Especial do Japão” em 1981, com o nome de “*Life in the City*”.

Mais tarde, seria oferecida à TVE a concessão de um canal (o canal 2) a ser mantido pelos estados. Cabe notificar que, na década de 60, as pessoas referiam-se às emissoras por meio de sua posição no seletor. A TV Tupi era o “canal 4”, a TV Paulista (que mais tarde se tornaria a Globo) era o “canal 5”, a Record era o “canal 7” e assim por diante. Eram, ao todo, seis canais (2, 4, 5, 7, 9 e 13).

Existia, no período, uma emissora de propriedade dos Diários Associados (de Assis Chateaubriand) chamada “TV Cultura”, mas que sairia do ar em 1968. Sabendo que lhe caberia a responsabilidade de criar uma emissora em substituição do antigo veículo e oferecer uma programação que suprisse a necessidade da FCBTVE (Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa), o Governo do Estado de São Paulo criou, em 1967, a Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativas.

“Instituída e mantida pelo poder público, nascia com o estatuto de entidade de direito privado, para ter seu rumo desvinculado das vontades políticas dos sucessivos governos estaduais. Esse fundamento fazia parte da concepção de TV pública idealizada pelo então governador Roberto de Abreu Sodré. A constituição da Fundação Padre Anchieta seguiu as diretrizes da Lei Estadual nº 9849, de 26 de setembro de 1967, que autorizou o Poder Executivo a formar uma entidade destinada a promover atividades educativas e culturais por meio do rádio e da televisão. Foi autorizada também a abertura de um crédito de 1 milhão de cruzeiros novos para o empreendimento. Além da dotação inicial, estavam previstos outros recursos, como receitas originadas de aplicações dos bens patrimoniais.”¹⁹

A programação educativa da TV Cultura deveria oferecer melhor qualidade em relação às produções da TVE no Rio de Janeiro. Para se alcançar este objetivo, foram contratados, no segundo semestre 1968, profissionais capacitados e equipamentos modernos. Este investimento garantiu o sucesso inicial e a evolução da emissora.

¹⁹ Fonte: www.tvcultura.com.br

Inicialmente, a TV Cultura permanecia no ar quatro horas por dia no período noturno (das 19h30 às 23h30). O primeiro programa exibido foi um episódio do seriado “Planeta Terra”. Porém, o diferencial da emissora seria veiculado às 20 horas. Tratava-se do “Curso de Madureza Ginásial”, uma aula televisionada que tinha como principal desafio provar para a sociedade que um programa educativo poderia ser eficiente e agradável ao mesmo tempo. O programa contava com professores universitários de alto nível que preparavam as aulas mas não ficavam diante das câmeras: as aulas eram apresentadas por uma equipe de 18 atores.

A primeira aula foi de Língua portuguesa, ilustrada por diálogos da novela "O Feijão e o Sonho", produzida a partir da obra de Orígenes Lessa. Em seu primeiro dia, a Cultura atingiu a expressiva média de 9 pontos de audiência. Mais tarde, este programa de ensino foi transformado em fascículos distribuídos pela Editora Abril.

Na mesma semana, mais precisamente na noite de quarta-feira, estreou o polêmico "Jovem, Urgente", um programa apresentado por um psiquiatra (Paulo Gaudêncio) e gravado com a participação do público. A proposta do programa era debater o comportamento dos jovens numa época explosiva, em plena vigência do AI-5. O programa discutia temas como liberdade de opinião, virgindade, conflitos de gerações e outros, marcando o início dos problemas que a emissora viria a ter com a censura.

A música também foi outro elemento marcante da programação da emissora, que desde o início buscou a democratização dessa arte, privilegiando a música erudita.

A TV Cultura é considerada uma das primeiras emissoras educativas a inserir programas jornalísticos em sua grade. Com mais de 40 anos, ela é responsável por boa parte dos programas destinados a crianças e jovens. Diante de uma concorrência desleal, continuar produzindo com qualidade só foi possível após a criação de parcerias de pós-produção. Desde o início da década de 90, as produções são, em parte, viabilizadas por



Figura 4 – Logotipo da TV Cultura

empresas privadas e com o apoio do SESI / FIESP, por exemplo, que possibilitaram a produção de “Rá-Tim-Bum” e “Castelo Rá-Tim-Bum”, destinados ao público infantil, e “Confissões de Adolescente” para o público jovem.



Figura 5 – Logotipo da TV Rá-Tim-bum

Desde o ano de 1995, a renda destinada à manutenção da emissora forçou a fundação a procurar opções que viabilizassem novos projetos, inclusive com buscas no meio publicitário. Das parcerias firmadas, em 12 de dezembro de 2004, a Fundação Padre Anchieta lançou o primeiro canal por assinatura com programação infantil 100% brasileira, a TV Rá-tim-bum.

Desde a primeira experiência da TV educativa no Brasil até os dias atuais, muitos programas e canais dedicados ao ensino surgiram. De ensaios com a antena parabólica até a consolidação de canais pagos que transmitem 24 horas por dia programas com temas educacionais, a produção educativa no Brasil apresenta uma crescente qualidade na produção e forma com que disseminam a informação. As atrações educativas concorrem com os programas de emissoras comerciais que visam apenas oferecer o entretenimento em busca de altos índices de audiência e, conseqüentemente de lucros no mercado publicitário.

Capítulo III

• Pesquisa de Campo



3.1 – Reconhecendo os locais da pesquisa

A pesquisa de campo do presente trabalho foi aplicada em escolas localizadas em bairros de São Miguel Paulista e Itaquera, ambos na Zona Leste de São Paulo. As instituições de ensino que gentilmente abriram as suas portas para a realização deste estudo estão alocadas em Vila Progresso e Cidade Líder, paragens que, devido à proximidade, compartilham de características sócio-econômicas e estruturais bastante parecidas, mesmo que administradas por subprefeituras diferentes.

Antes de conhecermos as instituições de ensino e os resultados da pesquisa propriamente ditos, faz-se necessário conhecermos um pouco mais sobre as regiões onde elas estão inseridas.

3.1.1- A região de São Miguel Paulista

Localizada na extremidade leste de São Paulo, São Miguel Paulista é um bairro com mais de 400 anos de idade. Junto com o distrito de Pinheiros, é considerado um dos mais antigos bairros paulistanos.

Precisar a data de sua fundação é tarefa difícil: alguns historiadores estabelecem a data de 12 de outubro de 1580, data de emissão da Carta de Sesmaria²⁰ que doava algumas terras aos índios que se dispersaram da aldeia de São Paulo de Piratininga (fundada pelo Padre José de Anchieta em 1554). Uma das tribos que foi beneficiada com as terras formou a Aldeia de Ururaí²¹, hoje o bairro de São Miguel Paulista.

No ano de 1622, os Padres Jesuítas e os índios construíram uma capela de taipa de pilão (que se mantém conservada até hoje) dedicada a São Miguel Arcanjo. A Capela de São Miguel Arcanjo²² ou Capela dos Índios – como ainda é chamada

²⁰ Sistema de concessão de terras sob a exigência de ocupação com cultivo e desbravamento da terra. Era obrigatório o pagamento de dízimo para a Ordem de Cristo. O sistema de sesmaria foi introduzido no Brasil em 1530 com a chegada de Martim Afonso de Souza no Brasil.

²¹ Palavra usada pelos índios Guaianaz em referência ao Rio Tietê.

²² A Capela de São Miguel Arcanjo é uma construção que sofreu reformas no século XVII mantendo-se original até os dias atuais, momento em que passa por um novo processo de conservação. A Capela dos Índios é o

por muitos moradores - é considerada o núcleo inicial do bairro. A sua fundação aconteceu no dia 21 de setembro de 1622, data esta que marca oficialmente a fundação do bairro. Após este feito, a Carta de Sesmaria que concedia a terra aos índios, passou a ser desrespeitada pelos colonos, abrindo espaço para a lavoura e o crescimento demográfico local.



Figuras 6 e 7: Fachada da Capela de São Miguel Arcanjo antes da reforma e em processo atual de restauração.

Com o passar dos anos, as necessidades da população foram aumentando. Em 1865, foram criadas duas classes do ensino primário – uma para meninos e outra para as meninas. Em 1892, o bairro já contava com um Cartório de Paz e de Registro Civil, atendendo a demanda local.

No início do século passado, a atividade predominante na localidade era a indústria de cerâmica, e o comércio apenas começava a se desenhar. O crescimento do bairro somente foi potencializado na segunda metade da década de 30, quando grandes empresas, como a Companhia Nitro Química Brasileira, pertencentes ao Grupo Votorantin, resolveram instalar-se na região, gerando uma grande migração para o bairro, em especial de brasileiros oriundos do nordeste.

O investimento das grandes indústrias na região fizeram com que o governo e a prefeitura de São Paulo trabalhassem na infra-estrutura do bairro. Estradas foram construídas, linhas de ônibus implantadas e o bairro dormitório começava a crescer em direção à cidade.

Atualmente, a área territorial de São Miguel Paulista representa a porção remanescente da Sesmaria concedida aos cristãos de Ururaí. Alguns bairros, como Itaqueria, foram desmembrados do distrito, constituindo-se autônomos. São Miguel

expandiu-se no decorrer dos anos, virou distrito, deu espaço para novos bairros e, conseqüentemente, acumulou diversos problemas de infra-estrutura.

“A denominação do distrito sofreu sucessivas alterações. A mais antiga referência nominal à região é Ururaí. Com a formação da aldeia cristã, surgiu São Miguel de Ururaí. Em 1944, esta denominação foi substituída pro Baquirivú, mas em 1948, após protesto dos moradores, reapareceu com o nome de São Miguel Paulista. A Partir de então, houve uma rápida ascensão do bairro, gerando diversos problemas, uma vez que a mão-de-obra não qualificada, distribuiu os novos moradores aos mais distantes locais, onde houvesse possibilidade de aproveitamento, criando dificuldades para o transporte urbano até o centro da cidade. Com o grande fluxo de novos moradores de baixa renda, construindo suas moradias em lotes apertados e sem infra-estrutura, passaram a viver de forma precária.”²³

Segundo o Censo realizado em 2000, o distrito de São Miguel Paulista conta com uma população de 97.373 habitantes, alocados em uma área de 24,3 Km² com uma renda média de 2 salários mínimos por família. O índice de desenvolvimento habitacional é elevado. Cerca de 7,34% dos habitantes são analfabetos.



Figura 8 – Destaque da região de São Miguel Paulista no mapa da cidade de São Paulo

São Miguel abrange os bairros de Vila Mara, Vila Curuçá, Vila Rosária, Vila Doutor Eiras, Vila São Silvestre, Vila América, Vila Pedroso, Parque Sônia, Vila Giordano, Cidade Nova São Miguel, Vila Aparecida, Vila Progresso, Jardim Helena e Vila Jacuí (estes dois últimos bairros são sub-distritos de São Miguel).

O distrito conta com 65 escolas mantidas pela prefeitura (dentre elas 1 CEU) e 24 mantidas pelo estado, 1 hospital e 16 unidades básicas de saúde. Na região, existem 43 favelas, três delas na Vila Progresso, local onde está instalada a E.E. Jardim Beatriz.

²³ Trecho extraído do site www.saomiguel paulita.com.br acessado em 02 de maio de 2008.

3.1.2 – Vila Progresso

Antes de ser batizado “Vila Progresso”, o bairro era uma grande fazenda chamada “Figueira Grande”. No início do século passado, com a delimitação das áreas mais nobres de São Paulo, as classes operárias começaram a buscar refúgio em locais mais afastados, onde poderiam comprar loteamentos mais baratos ou alugar casas nas chamadas “vilas econômicas”, com a condição de que estas estivessem dentro das áreas servidas pela estrada de ferro. Neste período de expansão de São Paulo, a Cia. Progresso Paulista, uma espécie de companhia predial que era ao mesmo tempo loteadora, incorporadora, construtora e administradora de imóveis econômicos para a classe operária, comprou e loteou, em 1905, a fazenda, dando origem ao bairro.

Devido ao crescimento desorganizado, a Vila Progresso apresenta diversos problemas em sua infra-estrutura: a oferta de emprego é reduzida, não existem muitas indústrias instaladas na região, o setor de serviços públicos é pouco desenvolvido e o saneamento básico é precário em alguns pontos (em especial onde estão localizadas as três favelas da região). Muitas ruas não são pavimentadas, não há nenhuma praça, nenhum centro esportivo e tampouco espaços culturais.

3.2 – A região de Itaquera

Assim como São Miguel Paulista, Itaquera é um importante bairro situado na zona leste de São Paulo. As histórias das duas localidades se confundem e se complementam pelo fato de serem regiões vizinhas. O primeiro registro histórico de Itaquera ocorreu em forma de citação em uma Carta de Sesmaria datada de 1686. Na época, os habitantes da região eram índios, fato este que explica o nome de origem tupi-guarani (*ita*=pedra + *aker*=dura) que faz referência à formação geológica da área, constituída por rochas do tipo cristalino e granitos.

De acordo com alguns historiadores, a primeira referência concreta de povoação não indígena na região é de um simples rancho denominado “Casa Pintada”, no ano de 1820, localizada às margens da Estrada de Ferro Real que

ligava Mogi das Cruzes a São Paulo; porém, há contradições quanto ao fato e o local.

“Era um local muito simples e precário, onde os viajantes paravam para se reabastecer. Há quem acredite que o bairro tenha se desenvolvido a partir deste rancho, entretanto, existem controvérsias. Primeiro porque a Casa Pintada ficava à margem da antiga Estrada de Ferro Real que ligava São Paulo a Mogi das Cruzes, na região de São Miguel Paulista, portanto não pertencia à Itaquera. Segundo porque não há dados ou registros que comprovem a existência de núcleos habitacionais ao redor do rancho.”²⁴

Por conta desta contradição, todas as referências sobre a povoação de Itaquera são relacionadas à inauguração da estação de trem nesse bairro, no dia 6 de novembro de 1875. Construída por voluntários portugueses, húngaros e brasileiros, a estrada de ferro foi o principal marco do desenvolvimento do bairro. Depois que a locomotiva “353” (Maria Fumaça) passou a circular por entre as paragens de Itaquera, os comerciantes de vários ramos lá abriram seus estabelecimentos, facilitando a vida dos moradores da época.

Como vimos anteriormente, até 1920 Itaquera era um bairro integrado à São Miguel Paulista. Após o desmembramento tornou-se um distrito autônomo. O Cartório de Registro Civil foi implantado no bairro no ano seguinte.

Itaquera é um bairro com uma forte influência da cultura japonesa devido à criação da Colônia Nipônica de Itaquera, também na década de 20. No período, os proprietários de uma fazenda local investiram na mão-de-obra japonesa para produzir frutas e verduras. Cerca de 32 famílias orientais instalaram-se na região e sentiram dificuldades de adaptação. Alguns procuraram outras terras para ganhar a vida, outros voltaram para o Japão. Aqueles que acreditaram no potencial da região e continuaram os seus trabalhos transformaram Itaquera na próspera “Terra do Pêssego”.

Neste período, existiam duas grandes fazendas que praticamente formavam o bairro: a Fazenda Caguaçu (região onde hoje é mantido o Parque do Carmo), que

²⁴ Trecho extraído do site www.noticiasdeitaquera.com.br acessado em 02 de maio de 2008.

pertencia à congregação dos Carmelitas do Rio de Janeiro, e a Fazenda do Dr. Rodrigues Barreto, que não apresenta maiores referências históricas. Em 1937 as fazendas foram divididas em lotes e sua comercialização marcou o desenvolvimento habitacional do bairro.

O bairro cresceu sob a forma de vilas que serviam especificamente a classe operária. O catolicismo era a religião predominante no bairro, fato este que levou os moradores da época a erguerem uma capela em louvor a Nossa Senhora do Carmo, onde foi alocada uma imagem encontrada na antiga fazenda da congregação carmelita.



Figuras 9 e 10 – Igreja Matriz de Itaquera e Imagem de Nossa Senhora do Carmo encontrada na Fazenda Carmelita

Alguns dos fatos históricos mais interessantes do bairro aconteceram no entorno da Igreja Matriz, como é o caso da chegada da luz elétrica em 1951.

“Eram 18 horas do dia 25 de agosto de 1951. O Largo da Matriz, no centro do bairro, estava cheio de pessoas que aguardavam para assistir à grande epopéia da metade do século. Depois de acionada a chave, tudo ficou mais claro e a comunidade fez uma grande festa que certamente ainda está viva na memória dos mais antigos. Comemoraram o desfecho de uma luta iniciada dez anos antes: a chegada da energia elétrica ao bairro”.²⁵

Até meados da década de 70, a principal economia da região era agrícola. A partir daí, diversas indústrias resolveram instalar-se em Itaquera devido ao clima

²⁵ Idem

excelente, espaço para desenvolvimento e disponibilidade de mão-de-obra. Apesar deste investimento por parte da indústria, o desenvolvimento infra-estrutural do bairro tardou a chegar.

Atualmente, o bairro de Itaquera é dividido em quatro distritos: Itaquera, José Bonifácio, Parque do Carmo e Cidade Líder, local onde está instalada a segunda escola onde foi aplicada a pesquisa, o “Colégio Escrevivendo”.

O distrito de Cidade Líder surgiu no final da década de 1940. Trata-se de mais uma região considerada “bairro dormitório” pelo perfil tipicamente residencial. Durante a década de 80, abrigou muitos metalúrgicos que trabalhavam nas montadoras do ABC paulista.

Segundo o Censo realizado em 2000, o distrito de Cidade Líder (isolado dos demais distritos que compõem o bairro de Itaquera) conta com uma população de 116.841 habitantes com uma taxa anual de crescimento de 0,19 e 23,02 de natalidade.

Anualmente, migram para esse distrito cerca de 790 pessoas provenientes de todas as partes do país. A renda média dos moradores da região é de 2 salários mínimos. O índice de desenvolvimento habitacional é elevado. Cerca e 5% dos habitantes são analfabetos. O distrito conta com 22 escolas mantidas pela prefeitura, 14 mantidas pelo estado e 24 particulares.



Figura 11 – Destaque da região de Itaquera no mapa da cidade de São Paulo

3.3 – Escola Estadual Jardim Beatriz

A Escola Estadual Jardim Beatriz é uma instituição de ensino que oferece vagas para o Ensino Fundamental ciclo II (de 5ª à 8ª série) e Ensino Médio (1º ao 3º ano).

O grupo escolar deu início às suas atividades na década de 90, e a sua implantação na região foi uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo para suprir as necessidades do bairro. A escola é supervisionada pela Delegacia de Ensino Leste 2 (uma espécie de órgão regulador distrital mantido pela Secretária da Educação do Estado de São Paulo).



Figura 12 – Fachada da Escola Estadual Jardim Beatriz

A escola está instalada há alguns metros da Avenida Pires do Rio, uma importante via que liga os distritos de São Miguel Paulista e Itaquera. Aos fundos da escola existe uma favela que ostenta o mesmo nome da escola.

A infra-estrutura do colégio é razoável: apresenta 14 salas de aula (das quais apenas 8 estão em funcionamento), uma quadra poli esportiva sem cobertura, uma biblioteca e um laboratório de informática que permanecem fechados por falta de funcionários. Por medidas de segurança, esses ambientes são liberados apenas

quando o professor solicita a sua utilização e se responsabiliza por possíveis danos que possam ocorrer ao acervo ou equipamentos.

A escola adotou o sistema de salas ambiente para cada disciplina que compõe o currículo do ensino fundamental e médio, portanto não são os professores que trocam de sala de aula e sim os alunos. Os professores efetivos que respondem pelas disciplinas na escola organizam a sala ao seu jeito.

É visível a existência de salas melhor organizadas e outras onde a sujeira e a desordem imperam: segundo alguns professores eventuais, que pediram para não serem identificados, “os alunos só respeitam os professores mais exigentes, portanto apenas as salas de algumas disciplinas são mantidas de maneira impecável”.

A escola também conta com uma sala de vídeo que não é utilizada. Os professores dizem que é impossível controlar as “diabruras” de certos alunos e a grande maioria dos docentes sabe que, ao utilizar o espaço, estão sujeitos a algum tipo de problema.

Apesar disso, é possível avaliar que a escola se mantém em boas condições de conservação, mesmo contando com poucos recursos destinados pelo estado para limpeza e manutenção do prédio.

Em conversa informal com os professores durante a hora do intervalo, verificamos que tal zelo não é atribuído à direção e sim ao pulso forte de alguns docentes que trabalham na escola desde o início das atividades. O Professor Pedrinho, docente que leciona a disciplina de matemática, foi lembrado pelos colegas como o professor que literalmente “arregaça as mangas” para manter a escola impecável. É comum ver o docente ajudando na limpeza das áreas comuns da escola e controlando, de maneira consciente, os produtos de limpeza que são comprados com poucos recursos. A ação é admirada pelos colegas de trabalho que frisam que “a organização é o primeiro passo para um ensino de qualidade”, porém nem todos aderem à iniciativa do professor.

Não existe registro de depredação: a comunidade local valoriza a presença da escola na região.

A criminalidade e a oferta de drogas são problemas que assolam a instituição de ensino. Os professores dizem que é comum o relato de alguns alunos sobre a

dura realidade em seus bairros, vilas, e na própria casa. Alguns estudantes freqüentam a escola no intuito de fazer a refeição servida na hora do intervalo. Devido à progressão continuada, é comum encontrar alunos na sexta, sétima ou oitava série com graves problemas de aprendizado.

No período da pesquisa, existiam cerca de 9 substitutos (chamados pelo Estado de eventuais) apenas no período da tarde. A presença dos professores se explica devido ao alto número de faltas de docentes efetivos. Cada eventual chegava a entrar em sala de aula cerca de 2 ou 3 vezes por período. No ponto de vista destes profissionais, a escola não apresenta um projeto pedagógico claro, em especial para os eventuais que, costumeiramente, entram na sala de aula para substituir o professor e ministrar uma disciplina diferente daquela na qual são licenciados.

3.4 – Colégio Escrevivendo



Figura 13 – Logotipo do Colégio Escrevivendo

O Colégio Escrevivendo é uma escola de ensino particular que oferece cursos da pré-escola ao Ensino Médio. Localizada na Avenida Líder, uma das principais vias do bairro de Itaquera, o colégio conta com uma infra-estrutura considerável: um prédio com 1200 m² de área construída. Trata-se de um edificação projetada única e exclusivamente para fins educacionais.

Além das salas de aula iluminadas e bem mobiliadas, a escola oferece biblioteca, laboratórios de informática e ciências, sala ambiente para ensino de línguas, espaço de artes, quadra poli-esportiva coberta, quadra de areia, play ground, área verde para recreação, além do pátio onde está localizada a cantina.

O Colégio Escrevivendo iniciou suas atividades em 1986. Na época, a instituição trabalhava apenas com a Educação Infantil em um imóvel alugado há poucos metros da atual localização. Em 1997, com a construção da sede própria, passou a oferecer vagas para o Ensino Fundamental. O Ensino Médio foi implantado apenas em 2006.

O corpo docente é formado por professores licenciados (alguns deles trabalham na instituição desde o início das atividades na década de 80).

As salas de aula não são grandes e a direção do colégio tem o cuidado de manter turmas com um número limitado de alunos, visando um ensino de qualidade e um ambiente de trabalho sadio para professores e alunos. As dependências da escola são limpas, arejadas e existe uma grande preocupação com a segurança dos alunos: a escola conta com funcionários de inspeção e vigilância que observam continuamente todo o movimento nas dependências da instituição e a entrada e saída de alunos, professores e demais funcionários.

Seguindo a metodologia das demais escolas da categoria, o Colégio Escrevivendo adota anualmente o “sistema apostilado” que sofre avaliação contínua de professores, alunos e coordenação pedagógica.

A proposta pedagógica da instituição é inspirada em metodologias propostas por estudiosos como Paulo Freire, Emília Ferreiro e Henry Wallon, primando pela construção do conhecimento a partir da “vivência do mundo” em que o educando está inserido.

No decorrer do ano letivo, o colégio procura integrar os alunos à comunidade local por meio de projetos sociais, além de promover atividades pedagógicas que apresentem o objetivo principal de formar o aluno integralmente. O colégio está inserido em uma região de classe média baixa com diversos focos de carência em seu entorno.



Figuras 13 e 14 – Atividades de integração do Colégio Escrevivendo

3.5 – Os questionários

Até o momento, procuramos traçar um percurso teórico que buscou levantar as relações possíveis entre a televisão e a escola; no entanto, é pela pesquisa de campo que acreditamos encontrar respostas às inquietações iniciais. Conhecer um pouco mais sobre as escolas e os bairros onde estão inseridas, com certeza nos ajudará a interpretar melhor os dados que doravante serão apresentados.

Apesar de tratar-se de duas instituições educacionais que atendem a públicos diferenciados no que diz respeito às condições sócio-econômicas (o colégio estadual é composto, em sua grande maioria, por estudantes pertencentes a uma camada

social mais pobre, enquanto na instituição de ensino particular a presença de estudantes pertencentes à classe média é predominante), trata-se de escolas que estão instalados em regiões muito parecidas e, como sabemos, o meio social pode exercer influência na formação do caráter social do indivíduo.

Em momentos anteriores, vimos, sob a ótica de diversos pesquisadores, discussões sobre a influência da televisão no comportamento da sociedade, em especial crianças e de adolescentes.

Verificamos que os estudos acerca do tema buscam respostas sobre os possíveis danos que a televisão pode causar nos jovens. Um grande número de pesquisas é destinado a denunciar o meio de comunicação como estimulador da violência ou justamente comprovar o oposto.

Já é comprovado que a televisão é hoje a maior fonte de informação e diversão dos jovens no Brasil e no mundo. Como já foi exposto na introdução deste trabalho, a UNESCO em pesquisa de 1997 chegou à constatação de que crianças e adolescentes permanecem mais tempo diante do aparelho televisor do que em qualquer outra atividade, incluindo os estudos em casa.

Esta mesma investigação também observou que os adolescentes fazem a leitura de que a programação televisiva é responsável pela promoção da violência e que consideram isso normal, em especial em regiões carentes.

A pesquisa de campo proposta por este trabalho, aplicada nos dias 26 e 28 de novembro de 2007, buscou agrupar dados para analisar o comportamento dos estudantes do ensino fundamental na condição de telespectadores e a partir desta análise, entender a influência deste meio de comunicação tão importante em nossa época, no comportamento dos jovens, em especial na sala de aula.

Na tentativa de analisarmos a recepção dos programas televisivos e os efeitos entre os alunos das escolas pesquisadas, apresentaremos os dados ora representados em gráficos, ora em forma de texto verbal.

O questionário (vide anexos) foi aplicado a 250 alunos, sendo 178 estudantes de turmas da 5ª a 8ª série do período vespertino da Escola Estadual Jardim Beatriz e 72 das mesmas séries, porém matriculados no período diurno do Colégio Escrevivendo. A faixa etária dos estudantes entrevistados varia de 10 a 16 anos de idade.

O questionário apresentou dados concretos de que, apesar da diferença econômica, os jovens apresentam gostos e críticas muito parecidas sobre aquilo que consideram bom ou ruim na televisão.

Também utilizamos como estratégia metodológica a coleta de opiniões em forma de redação. Sob o comando do professor de Língua Portuguesa, os alunos das duas escolas versaram sobre o tema antes da aplicação do questionário. Na E.E. Jardim Beatriz, a redação foi apresentada como um exercício complementar da disciplina de Língua Portuguesa na semana anterior. No Colégio Escrevivendo, a redação foi solicitada minutos antes da aplicação da pesquisa.

Tomando o devido cuidado para não tornar as redações um instrumento tendencioso de avaliação, os professores foram orientados a encaminhar a atividade fazendo uma discussão inicial sobre o tema, porém sem formar ou induzir opiniões.

Em ambas as escolas, segundo comentários dos professores, houve uma manifestação positiva em todas as salas cuja redação foi aplicada, porém, na escola estadual cerca de 12 alunos não desenvolveram a atividade contrariando a solicitação do docente. Alguns estudantes expressaram a motivação em escrever sobre um tema que faz parte de sua rotina diária. A partir dos textos apresentados, foi possível avaliar, além da análise crítica dos alunos perante a televisão, a grande dificuldade que alguns discentes enfrentam para organizar e expressar as suas idéias.

No decorrer da análise dos resultados, apresentaremos algumas expressões extraídas das redações. É importante ressaltar que os trechos publicados neste trabalho sofreram correções, porém buscou-se não desviar a sua essência.

Enquanto as pesquisas foram aplicadas aos alunos, um outro questionário foi apresentado aos professores com o intuito de conhecer um pouco mais sobre os anseios e dificuldades deste profissional. Na Escola Estadual Jardim Beatriz, foram entrevistados 8 docentes que estavam presentes no horário.

No Colégio Escrevivendo levantamos informações de apenas 4 professores – no dia da aplicação da pesquisa o colégio estava concluindo o fechamento das notas do quarto bimestre e, conseqüentemente, não foi possível aplicar a pesquisa aos docentes no local. O questionário foi encaminhado para o e-mail dos professores via coordenação pedagógica.

Foram entrevistados professores que lecionam disciplinas constantes no currículo do Ensino Fundamental (ciclo II). Alguns destes professores também foram questionados informalmente sobre comportamento, problemas, e outros assuntos relacionados a vida dos alunos.

Capítulo IV

Análise dos Resultados



4.1- A TV no dia-a-dia dos jovens

Durante a aplicação dos questionários, nos deparamos com situações parecidas no que diz respeito às regiões onde as escolas estão inseridas. Tanto a Vila Progresso, bairro onde está instalada a Escola Estadual Jardim Beatriz quanto a Cidade Líder, bairro em que o colégio Escrevivendo oferece os seus serviços educacionais, são regiões carentes com uma série de problemas característicos de bairros marcados pelo crescimento desorganizado.

Em relação as duas escolas, observamos diferenças significativas que são evidenciadas desde a infra-estrutura até o perfil do público atendido. Por tratar-se de uma escola de ensino particular, o Colégio Escrevivendo conta com recursos físicos e materiais que facilitam o trabalho de professores e alunos. A Escola Estadual Jardim Beatriz, apesar de apresentar boas condições estruturais, sofre com o a falta de políticas públicas eficientes para a educação, e, aparentemente, um certo descaso ou desgaste administrativo e docente. O público atendido pelo Colégio Escrevivendo, apesar de residir em uma região pobre, apresenta condições econômicas melhores, o que lhes permite pagar uma mensalidade média de R\$ 300,00 para usufruir do serviço oferecido. Já a Escola Jardim Beatriz trabalha basicamente com o público de classe baixa que reside nas proximidades da instituição de ensino.

Durante a aplicação dos questionários, foi possível avaliar que os alunos do Colégio Escrevivendo (mesmo em um período de encerramento das atividades) mostraram-se mais receptivos à pesquisa do que os alunos da Escola Jardim Beatriz. Alguns alunos da escola estadual chegaram a impor a condição de que o questionário fosse utilizado como critério de composição de nota, caso contrário “não perderiam tempo” em respondê-lo e ficariam conversando entre si. A persuasão do aplicador foi fundamental neste momento.

Verificamos que, apesar da diferença de realidade econômica entre os alunos das duas escolas, eles apresentam características bastante parecidas quando se trata de televisão. A maior parte dos alunos, tanto do Colégio Escrevivendo quanto da Escola Estadual Jardim Beatriz, gostam de assistir TV.

Na E. E. Jardim Beatriz, 81% dos estudantes pesquisados afirmam que gostam de assistir televisão. No Colégio Escrevivendo, o número é um pouco menor, mas não menos expressivo (76%).



Colégio Escrevivendo



E.E. Jardim Beatriz

Os alunos das duas escolas foram questionados sobre o horário preferido para assistir televisão durante a semana. Os grupos pesquisados tiveram a possibilidade de indicar inclusive o horário em que estão presentes em sala de aula, partindo da hipótese de que a grande maioria dos estudantes tem conhecimento da grade de programação vigente nas emissoras (em especial as de canal aberto).

O horário indicado como preferido para assistir TV, segundo os alunos da escola estadual, é o noturno, com um percentual de 54% das respostas. O segundo horário mais indicado é o da manhã, com 34% da lembrança do público pesquisado.

Com 56% de lembrança, os estudantes do Colégio Escrevivendo indicam o período vespertino como o melhor momento para assistir televisão, seguido pelo noturno com 42% de respostas.

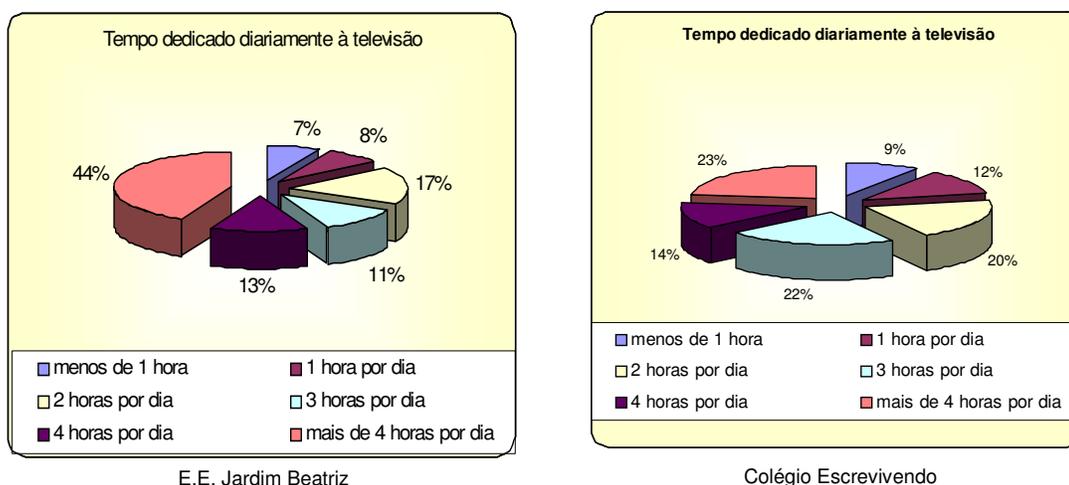
Os dados acima apresentados comprovam que os horários em que os discentes ficam diante do aparelho, primeiramente são adaptados ao seu horário de aula (período diurno para os alunos entrevistados na Escola Jardim Beatriz e período vespertino para os alunos do Colégio Escrevivendo). O período noturno é lembrado por um número significativo de alunos das duas instituições.

Quando questionados sobre o mesmo assunto, porém indicando horários nos finais de semana, os alunos apontaram os períodos da manhã e da noite como favoritos. Na E.E. Jardim Beatriz, o período da manhã foi indicado por 34% das respostas, e o da noite por 54%. Os alunos do Colégio Escrevivendo indicaram o

período da manhã com 39% de preferência, e o da noite com 44%, uma margem muito pequena de diferença.

Um outro dado que indica a relação de proximidade da criança e do adolescente com a televisão é o tempo que dedicam diariamente ao ato de assistir TV. Em ambos os colégios, prevaleceu o tempo superior a 4 horas diárias, vejamos os gráficos.

Tanto na E.E. Jardim Beatriz quanto no Colégio Escrevivendo, boa parte dos alunos (57% e 37% respectivamente)²⁶ dedicam 4 ou mais horas por dia para assistir televisão.



Os discentes que dedicam diariamente 4 horas ou mais para assistir TV são a maioria na somatória dos resultados; no entanto, existe uma diferença considerável quando traçamos uma comparação entre as duas instituições. Veja o quadro a seguir:

Tempo dedicado diariamente à televisão	E.E. Jardim Beatriz	Colégio Escrevivendo
Menos de 1 hora	7%	5%
1 hora por dia	8%	12%
2 horas por dia	17%	20%
3 horas por dia	11%	22%
4 horas por dia	13%	14%
Mais de 4 horas por dia	44%	23%

²⁶ Somatória dos percentuais referentes a 4 horas por dia e mais de 4 horas por dia.

Inicialmente acreditávamos que a diferença de mais de 20 pontos percentuais fosse gerada pela maior quantidade de tarefas solicitadas para o lar, o que reduziria o tempo destinado para televisão. Porém, ao analisar e comparar estes dados com os valores da questão que analisa o tempo destinado aos estudos fora do ambiente escolar, tal justificativa não encontrou amparo.

Quando questionados sobre o tempo dedicado diariamente em casa aos estudos, 6% dos alunos da Escola Jardim Beatriz indicaram que levam mais de 4 horas para cumprirem seus deveres, 21% dos entrevistados dedicam 3 horas, 15% dedicam 2 horas por dia, 21% separam 1 hora por dia para estudar em casa, 20% desenvolvem suas tarefas em menos de 1 hora e 17% dos estudantes entrevistados assumem que não estudam em casa.

No Colégio Escrevivendo, as respostas foram as seguintes: 6% estudam em casa mais de 4 horas por dia, 8% desenvolvem suas tarefas em uma média diária de 3 horas, 18% em duas horas, 31% em uma hora diária, 29% em menos de uma hora e 8% não reservam tempo em casa para estudar. Vejamos o comparativo no quadro a seguir:

Tempo dedicado diariamente aos estudos fora do ambiente escolar	E.E. Jardim Beatriz	Colégio Escrevivendo
Menos de 1 hora	17%	8%
1 hora por dia	17%	29%
2 horas por dia	15%	18%
3 horas por dia	21%	8%
Mais de 4 horas por dia	6%	6%

Na somatória dos resultados, percebemos que os alunos da escola estadual dedicam mais tempo aos estudos em casa do que os alunos do colégio particular (42% e 32% respectivamente). É possível que isso ocorra porque o aluno do colégio particular tenha mais opções de lazer do que o aluno da escola estadual no período que não está na escola. Em contrapartida, a escola estadual apresenta uma maior número de alunos que não desenvolvem tarefas escolares em suas casas.

“Eu adoro TV, mas não fico 3, 4 horas na frente do aparelho, pois minha mãe fala: ‘Sai da frente da TV, vai ficar com a visão ruim!!!’ Eu sempre saio, eu vou para a escola, chego em casa, almoço, faço lições, jogo Play Station 2 (vídeo game) e aí sim, assisto TV (acho que um pouco mais de 2 horas).”

(Guilherme Henrique – 6ª série – colégio Escrevivendo)

Os alunos da escola pública apresentam um diferencial interessante em relação aos alunos do colégio particular no que diz respeito à companhia no momento em que assistem televisão. Na escola Jardim Beatriz, 3% dos jovens indicaram que assistem aos seus programas prediletos com amigos, 23% com os irmãos e 38% com os pais. Dos entrevistados, 36% assistem aos seus programas prediletos desacompanhados, o número é menor que a soma das demais indicações.

Cerca de 7% dos alunos entrevistados no Colégio Escrevivendo contam com a presença dos pais durante a apreciação de seus programas favoritos. Dos alunos consultados, 19% contam mais freqüentemente com a presença dos irmãos neste momento e a grande maioria dos alunos respondentes (74%) afirma que, geralmente, assistem sozinhos. Segundo a pesquisa, nenhum dos alunos do colégio particular assiste televisão com os amigos.



E.E. Jardim Beatriz



Colégio Escrevivendo

Com quem compartilha os momentos que assiste TV?	E.E. Jardim Beatriz	Colégio Escrevivendo
Com pais ou parentes	38%	7%
Com os irmãos	23%	19%
Com os amigos	3%	0%
Sozinho	36%	74%

Os alunos que responderam que assistem televisão sozinhos são a maioria no Colégio Escrevivendo. Existe uma diferença de 38 pontos percentuais entre as duas escolas, exatamente a mesma quantidade de alunos da escola estadual que afirmam assistir televisão com pais ou outros parentes responsáveis. Segundo os professores, o trabalho durante o dia é uma das causas da ausência durante os períodos diurno e vespertino, porém no período noturno, pelo menos um responsável permanece com o aluno em sua residência. Boa parte do alunado que frequenta a escola ou é filho único ou seus irmãos são bem mais novos, gerando desejos diferentes em relação aos programas, o que incompatibiliza os interesses e afasta a vontade de assistir televisão juntos. A presença de televisores nos quartos dos alunos também interfere consideravelmente no resultado desta questão. Em contrapartida, na Escola Estadual Jardim Beatriz é marcante a presença de irmãos matriculados em séries diferentes (um ou dois anos de diferença). Por tratar-se de uma região de baixa renda, possivelmente as famílias não tenham mais que um aparelho de televisão em seus lares. Neste caso, o compartilhar da companhia diante do aparelho não é exatamente uma opção, mas uma necessidade.

De acordo com algumas falas retiradas das redações dos alunos, os estudantes consideram importante que seus responsáveis direcionem o que devem e o que não devem assistir. A preocupação com a classificação indicativa também se faz presente :

“Hoje em dia há programas de televisão que não apresentam nada de educativo e os pais deixam as crianças assistirem. Podemos dar o exemplo da novela das 20h (Duas Caras) que mostra tantos problemas sociais, mas não mostra solução para esses problemas. Quantas crianças ficam sem respostas?” (Vinícius – 8ª série – Colégio Escrevivendo)

“Na minha opinião, os pais devem auxiliar e impor limites para a criança e o adolescente, procurar saber não só o que ele anda fazendo, mas também assistindo.”

(Nádia – 6ª série – Colégio Escrevivendo)

“Eu acho que a participação dos pais nesse assunto é muito importante, pois os pais que deixam os filhos assistirem programas de TV com uma linguagem violenta, fazem com que os filhos tenham uma má influência e que usem esta linguagem como referência em suas vidas”.

(Anayrê – 6ª série – Colégio Escrevivendo)

“É muito importante que cada pessoa veja os programas indicados para sua idade, pois eles podem nos influenciar a fazer coisas boas ou ruins. É importante que os pais não deixem os filhos assistir programas inadequados.” (Édipo – 8ª série – Colégio Escrevivendo)

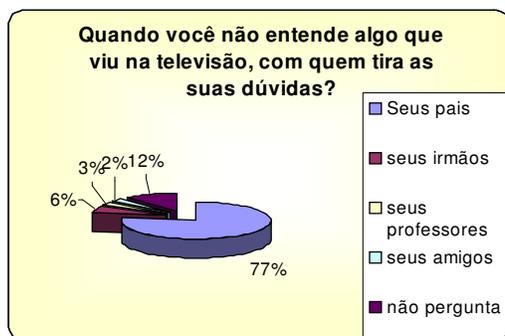
“Atualmente, a televisão deforma os adolescentes, pois dá-se preferência aos programas violentos do que aos educativos. Os pais não ficam ‘em cima’ e isso acaba ocasionando o problema. Solução para isso, provavelmente não há, mas deveria haver uma maior presença dos pais e professores na ‘educação televisiva’ dos filhos e estudantes.”

(Miguel – 7ª série – Colégio Escrevivendo)

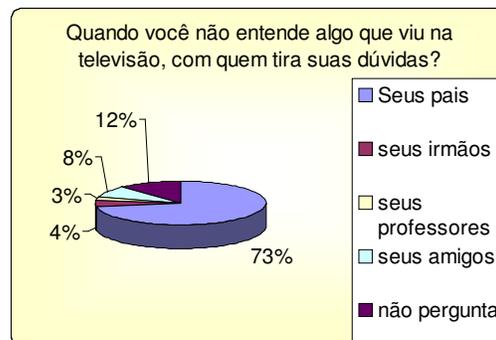
Durante a análise das redações, pudemos perceber que os alunos da escola particular, apesar de ficarem mais tempo sozinhos diante do aparelho, também cobram mais a participação e aval de seus pais sobre aquilo que prestigiam na televisão. O distanciamento de seus progenitores é visto como a falta de imposição de limites e, por vezes, um motivo de problematização para este jovem. Procuramos falas similares nas redações produzidas na escola estadual, porém sem sucesso.

As crianças e os adolescentes entendem a simbologia e a necessidade da classificação indicativa; no entanto, sem a limitação dos pais, tal critério é anulado e passa a não fazer sentido. As advertências de que alguns programas, que são considerados inadequados para uma determinada idade, são ignoradas e o simples fato de assisti-los é observado pelo aluno como uma forma de transgressão ou mesmo uma maneira de sentir-se mais maduro, mesmo não tendo conhecimento integral sobre o assunto tratado.

Ao surgirem dúvidas acerca daquilo que é tratado nas atrações televisivas, são os pais e responsáveis as primeiras pessoas procuradas para respondê-las. Para os estudantes de ambas as escolas, não sanar a dúvida é a segunda opção, seguida pela procura de irmãos e amigos. Por último, contabilizando um total 3% em cada uma das escolas, aparece a figura do professor.



E.E. Jardim Beatriz



Colégio Escrevivendo

Confirmando aquilo que já fora evidenciado em outras pesquisas do gênero, a televisão é vista como a principal disseminadora de informação sobre os acontecimentos da contemporaneidade, e o telejornal o gênero televisivo de maior credibilidade entre os adolescentes (apesar de não ser o de maior preferência do público em questão). Os programas jornalísticos da Rede Globo de Televisão (com destaque para o Jornal Nacional) foram os mais lembrados entre os alunos das duas escolas.

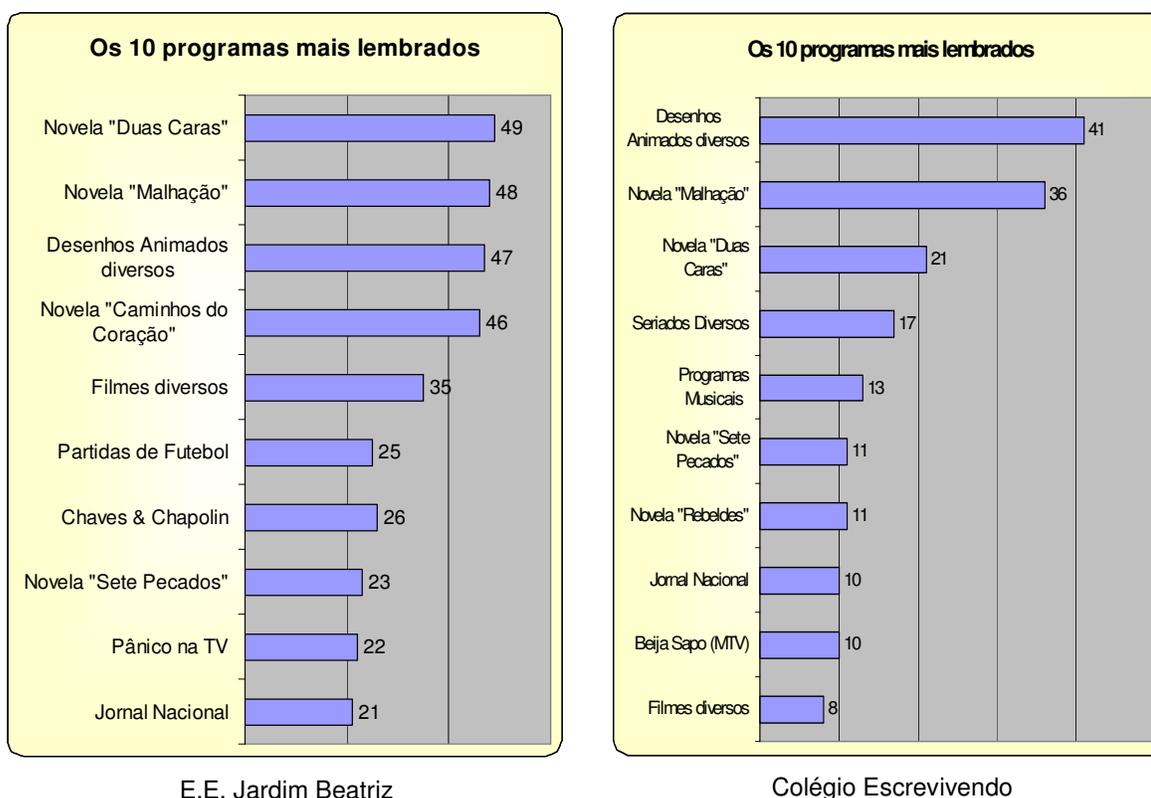
“A televisão nos traz muitas informações, como o que está acontecendo no mundo. Eu gosto de assistir programas jornalísticos para andar mais segura, sem medo”.

(Daiane - 7ª série – Jardim Beatriz)

“Há muitos programas de que gosto, mas os que mais me chamam a atenção são o ‘Globo Repórter’ e algumas partes do ‘Fantástico’, pois adoro saber mais sobre a fauna e a flora e ficar por dentro de assuntos como o aquecimento global”.

(Valéria -6ª série – Colégio Escrevivendo)

Questionamos aos alunos quais os programas televisivos que eles mais apreciam. Cada aluno teve a possibilidade de escrever até 6 nomes de programas desde que o fizesse no prazo de 1 minuto (tempo controlado pelo aplicativo das pesquisas). O intuito era verificar as atrações realmente lembradas pelos estudantes. Os nomes mais citados foram organizados em forma de *ranking*.



A partir do *ranking*, somamos os valores por gêneros nas duas escolas. Os gêneros mais prestigiados pelos estudantes são: desenhos animados, seriados, filmes diversos, programas jornalísticos e um destaque especial para as telenovelas.

Sem sombra de dúvidas, a telenovela é um dos gêneros televisivos de maior representatividade na produção audiovisual brasileira. Herança dos folhetins e das radionovelas, este produto midiático ganhou força e público cativo no decorrer dos anos, tornando-se inclusive um artigo de exportação.

Com histórias intrigantes e personagens que encontram reflexo na vida real, a telenovela conquistou espaço nos lares em todo o Brasil. É claro que parte desse sucesso se deve aos investimentos da maior emissora de televisão do país, a Rede Globo de Televisão, que durante seus mais de 40 anos de existência, soube

explorar as potencialidades deste tipo de produção, criando horários intitulados “nobres” e incentivando a produção de narrativas que mesclam humor e romance, tudo isso com um toque de brasilidade.

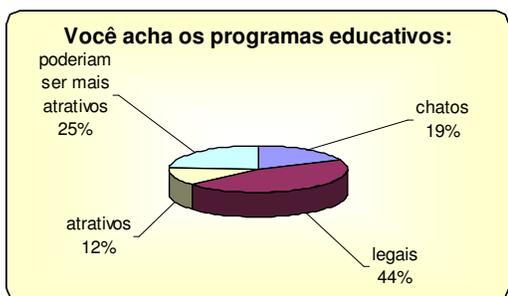
Quando indagados sobre o tipo de informação que mais lhes chama a atenção nos programas televisivos, mais uma vez encontramos respostas muito parecidas entre as duas escolas. Para podermos evidenciar melhor os dados, desenvolvemos uma tabela comparativa. Vejamos:

E.E. Jardim Beatriz		Colégio Escrevivendo	
O que mais lhe chama a atenção em um programa televisivo?		O que mais lhe chama a atenção em um programa televisivo?	
1º	JOGOS E MÚSICAS	1º	HUMOR
2º	HUMOR	2º	JOGOS E MÚSICAS
3º	AÇÃO E AVENTURA	3º	AÇÃO E AVENTURA
4º	ATORES E ATRIZES FAMOSOS	4º	ROMANCE
5º	LUTA DO BEM CONTRA O MAL	5º	ATORES E ATRIZES FAMOSOS
6º	IMAGENS DA PERIFERIA	6º	LUTA DO BEM CONTRA O MAL
7º	VIOLÊNCIA	7º	VIOLÊNCIA
8º	ROMANCE	8º	CONTEÚDOS EDUCATIVOS
9º	CONTEÚDOS INFORMATIVOS	9º	IMAGENS DA PERIFERIA
10º	CONTEÚDOS EDUCATIVOS	10º	CONTEÚDOS INFORMATIVOS

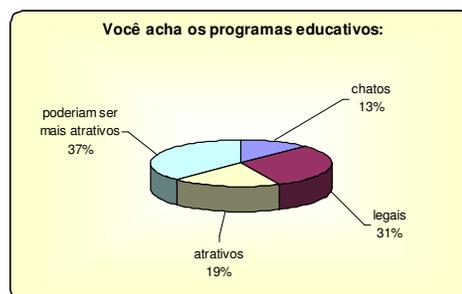
As crianças e os adolescentes pesquisados preferem atrações que ofereçam humor, música, competição, ação e aventura. É importante atentar ao fato de que os programas educativos e informativos são apresentados entre as três últimas colocações, perdendo inclusive para atrações que apresentam um maior apelo à violência.

Perguntamos aos entrevistados como eles observam os programas educativos. Para que não houvesse sombra de dúvidas sobre o tipo de atração a que estávamos nos referindo, no momento em que os alunos iriam responder a questão, o aplicador interferia apresentando alguns exemplos de programas considerados educativos tanto para crianças quanto para adolescentes.

Neste caso, usamos como base a programação da TV Cultura e indicamos alguns programas contemporâneos como “Cocoricó”, “X Tudo” e “Pé na Rua”. As respostas foram as seguintes:



E.E. Jardim Beatriz



Colégio Escrevendo

No Colégio Escrevendo, 37% dos jovens responderam que os programas poderiam ser mais atrativos, 31% acham os programas legais, 19% julgam-nos atrativos e 13% dizem que os programas educativos são chatos. Na escola Jardim Beatriz, 44% dos alunos vêem os programas deste gênero como atrações legais, 25% acham que poderiam ser mais atrativos, 19% consideram-nos chatos e 12% atrativos.

“Bem, eu gosto de programas de música e programas de perguntas e respostas. Muitos programas mostram a realidade da classe alta, mas os programas que eu mais gosto são voltados para o povo e são para todos os públicos. A televisão informa as pessoas e só os jovens de cabeça fraca que se deixam levar pelo lado ruim. Os assuntos relacionados ao mundo deveriam ser refletidos na escola também, mas isso não acontece com frequência.” (Crislaine – 7ª série – Jardim Beatriz)

“A TV Cultura é muito ruim para mim por que passa coisas para crianças pequenas e eu não gosto disso. O Pânico na TV é o programa que eu mais adoro por que ele ensina a ” Zoar com os outros” e eles são engraçados. O programa é muito bom!”

(Honório – 6ª série – Jardim Beatriz)

“Acho que deveria ter mais programas educativos para a minha idade, pois a maioria é para o público infantil!” (Priscila – 5ª série – Colégio Escrevendo)

“Eu não gosto de assistir programas educativos, mas acredito que é algo bom. Eu já assisti muito quando era pequena e aprendi bastante. Hoje não mais!” (Thamires – 5ª série – Colégio Escrevendo)

“Os programas que eu gosto de assistir (Naruto, Hermes e Renato, *Tela Class*, *Total Massacration*) não são educativos mas me chamam a atenção. Confesso que não gosto de programas educativos – acho a maioria deles um ‘pé no saco’ mas dizem que eles são bons para a nossa formação, pois resgatam a cultura e transmitem muita informação”

(Otávio– 6ª série – Colégio Escrevivendo)

O fato é que os jovens, acostumados com a linguagem rápida e sedutora da televisão, buscam no aparelho entretenimento fácil e não uma “extensão da escola”. Os programas educativos são bem aceitos quando conseguem aliar os atrativos presentes na linguagem do entretenimento com o propósito educacional implícito.

Como observamos nas frases retiradas das redações, não são todos os alunos que enxergam os programas educativos com “bons olhos”. Talvez esta crítica seja tão severa pela falta de investimentos na produção (o que ocasiona uma constante reprise dos programas) e especialmente pelo descaso dos grandes concessionários que teriam a possibilidade de fazer a diferença produzindo programas deste gênero, porém optam por oferecer formatos mais baratos, com grande apelo popular e que, acima de tudo, viabilizam a exploração comercial.

Perguntamos aos alunos de ambas as instituições o que eles entendem ou esperam de um programa educativo. Selecionamos a seguir algumas respostas:

Bom para todas as idades;	Não apresenta cenas violentas;
Contribui na educação das crianças;	Apresenta informações do cotidiano;
Mostra como devemos nos comportar;	Ensina valores contrários ao roubo e à morte;
Transmite valores familiares como o respeito;	Não expressa palavrões ou imoralidades;
Oferece informações úteis para a vida;	Sem “coisas” feias;
Instrui para o bem da sociedade;	Mostra a realidade da vida sem sensacionalismo.

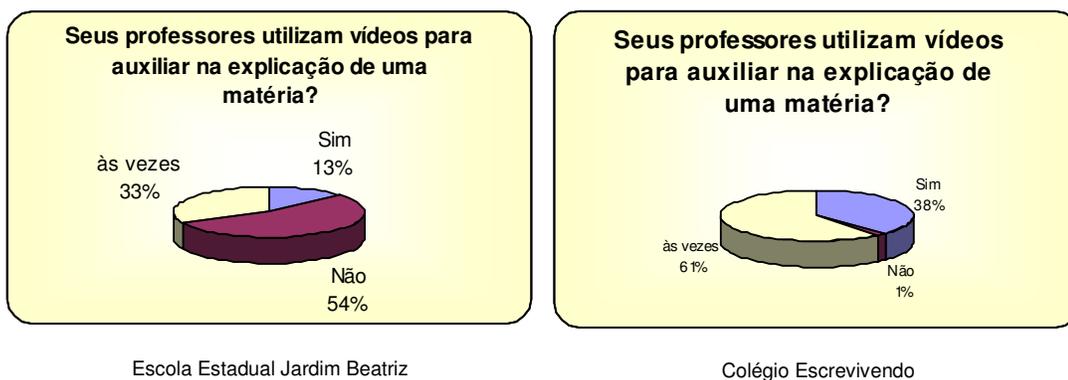
Aparentemente, os estudantes sabem o que é e o que oferece um programa com propósitos educacionais; no entanto, percebe-se uma pequena confusão na indicação de representantes do gênero. Quando se trata de programas voltados para o público infantil, facilmente alguns títulos são utilizados como ícones, são eles:

“Castelo Rá-tim-bum”, “Cocoricó”, “X-Tudo”, “De onde vem?” e “Vila Sésamo” (mais uma vez, todas atrações da grade de programação da Tv Cultura). Quando se trata de programas voltados para o público adolescente, não foi citado nenhum título expressivo do gênero e sim programas que trabalham com o entretenimento como “O Jogador”, “Casos de Família”, “Pica-Pau”, “Chaves” e até mesmo “Sexy Time”, um programa do canal Multi Show que exhibe mulheres desnudas em cenas sensuais.

Quando indagados sobre programas não-educativos, houve uma confusão nas respostas. Os alunos responderam a questão indicando programas que simplesmente não se enquadram em suas preferências.

Quando indagados sobre a relação dos assuntos que vêm na TV com aquilo que é apresentado em sala de aula, mais da metade dos entrevistados nas duas escolas indicam que existe uma relação, porém não constante, em disciplinas como História, Geografia e, às vezes, em Língua Portuguesa.

Perguntamos aos alunos se os professores utilizam a televisão em sala de aula como ferramenta de apoio na explicação de alguma matéria. Na escola particular, o resultado foi bastante positivo se compararmos ao da escola pública.



Tal informação vem de encontro com a sondagem feita com os professores eventuais, que afirmaram que a sala de vídeo da escola Jardim Beatriz permanece fechada a maior parte do tempo. Geralmente, no final de cada semestre, o ambiente é usado como um espaço de descontração, onde são exibidos comédias e filmes de aventura. Durante os preparativos de eventos como a festa junina, alguns filmes são exibidos em troca de prendas.

No ponto de vista dos alunos das duas escolas, a televisão em sala de aula é um recurso que torna ou tornaria a abordagem do professor mais interessante, e tem o poder de facilitar a compreensão dos conteúdos apresentados nas diversas disciplinas que compõem o currículo do Ensino Fundamental do ciclo II. No Colégio Escrevivendo, apenas 1% dos entrevistados acreditam que a utilização da TV em sala de aula não contribui em seu aprendizado. Na Escola Estadual Jardim Beatriz, 11% dos alunos compartilham deste mesmo pensamento.



E.E. Jardim Beatriz



Colégio Escrevivendo

Os jovens das duas escolas foram questionados sobre a influência da televisão na formação da criança e do adolescente. Os resultados foram muito próximos nas duas instituições de ensino:



Escola Estadual Jardim Beatriz



Colégio Escrevivendo

As crianças e adolescentes que assinalaram a opção “sim” expuseram a forma com que observam esta influência, se positiva ou negativa.

De maneira geral, aqueles que acreditam que a televisão exerce uma influência positiva no desenvolvimento da criança e do adolescente, a observam como um meio de comunicação com um grande potencial na disseminação da educação e cultura e, conseqüentemente, foi possível avaliar que esta constatação tem como referência programas educativos. Eles dizem que programas infantis, como “Cocoricó”, da TV Cultura, ajudam no desenvolvimento intelectual, no relacionamento com o próximo e na promoção do amor. Foram citados outros exemplos relacionados a uma influência positiva do meio na sociedade, como o fato da televisão oferecer um entretenimento barato para a população que não tem muitas opções de lazer, a possibilidade de manter as diversas classes sociais a par dos assuntos do cotidiano, disseminação de campanhas de preservação do meio ambiente e combate às drogas. Alguns programas são usados para integrar e prestar serviços à comunidade.

“Na televisão existem muitos programas interessantes, inclusive a novela “Duas Caras” que tem uma personagem que tem uma doença chamada dislexia. Essa doença é uma coisa que mexe muito no aprendizado da criança. Meu irmão tem dislexia e agora ele assiste a novela e vê que não é só ele que sofre com isso.” (Larissa 5ª série – Jardim Beatriz)

“Acho que a televisão informa os jovens , porém não todos os programas. O ‘Altas Horas’ é um exemplo, mas o ‘Linha Direta’ é o contrário pois deforma as pessoas. Ele ensina a matar e isso, pra mim, é muito chato. O Serginho Groismam incentiva o jovem a estudar e batalhar na vida”.

(Fabíola 8ª série – Jardim Beatriz)

“Na minha opinião, os programas de TV não influenciam o jovem a fazer coisas ruins, pois, se fosse assim, eu já teria matado todos os “caras” da minha escola. Eu só gosto de programas muito violentos. A criação do pai e da mãe é que pode influenciar na vida das pessoas”. (Vitor Gabriel – 8ª Série – Escrevivendo)

As crianças e adolescentes que observam a televisão como um meio de comunicação que tem a capacidade de influenciar o jovem de maneira negativa, amparam suas respostas nos programas de apelo popular que visam entretenimento

a partir do humor, sensacionalismo e especialmente àqueles que abusam de cenas agressivas. Estes jovens argumentam que os programas atuais fazem uso de palavrões, obscenidade, apologia às drogas e a todo tipo de violência. A preocupação com a violência estava presente em uma grande parte dos alunos entrevistados; porém, o maior número de citações aconteceu nas pesquisas da E.E. Jardim Beatriz. Segundo alguns jovens, as pessoas que assistem a programas violentos tendem a agir, no dia-a-dia, com mais agressividade, pois recebem estímulo para tanto.

A palavra *futuro* também é citada nas justificativas, dentro do contexto de que o jovem não deve deixar-se levar pelos caminhos apresentados pela televisão e sim pelo que a escola tem a oferecer. Uma fala bastante interessante faz referência aos programas adultos e á curiosidade própria da infância: “Alguns canais apresentam programas que crianças não podem assistir. A curiosidade fala mais alto”.

“A maior parte da sociedade deixa os livros, jornais e revistas de lado por causa da televisão e isso é prejudicial. A maioria dos filmes que são apresentados na tv acaba induzindo os jovens à criminalidade”. (Andressa – 8ª série – Jardim Beatriz)

“Os desenhos que são apresentados na MTV (liga MTV) são bem da hora, o “Fudêncio” então, mais ainda – ensina as pessoas a baterem. Mas como eu sou esperto, não vou me influenciar por esses programas. O mais ‘da hora’ que eu já assisti é o ‘Pânico na TV’. Meu, ‘muito loco’! Ensina a beijar, a ‘zoar’ e ser legal. Esse sim me influencia. (...) Eu acho que esses programas podiam ser debatidos na escola, ia ser legal porque nós iríamos falar só daquilo que a gente gosta. ”

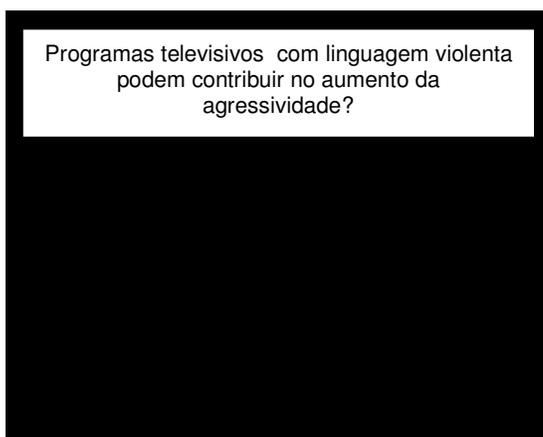
(Marco – 5ª Série – Jardim Beatriz)

“Bom, eu gosto de tudo o que passa na TV... mas tem uns programas que não dá nem para comentar. PORNOGRAFIA: passa depois da meia noite e isso incentiva as crianças a crescer com malícia e isso não é bom” (Drielli – 6ª série – Jardim Beatriz)

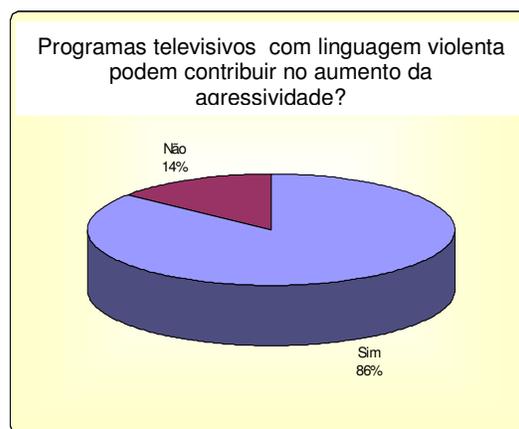
Os programas que os alunos intitulam “pornográficos” e “apresentados depois da meia noite” são citados em um bom número de questionários aplicados às turmas da E.E. Jardim Beatriz. Trata-se do programa “Sexy Time” apresentado diariamente no canal por assinatura “Multi Show”. Durante as aplicações das pesquisas, surgiram momentos de descontração nas turmas e alguns alunos assumiram assistir este

programa. Frases como “aquilo sim que é mulher” referindo-se à garota que faz *strip-tease* no programa ou “esse é o melhor programa educativo que eu já assisti” foram oralizadas em duas ou três salas. Outro fato que nos chamou a atenção foi de tratar-se de um programa exibido em um canal por assinatura. Perguntamos para as turmas quem tinha acesso a este tipo de programação e, em tom de brincadeira, surgia a resposta dos alunos do Jardim Beatriz: “Nós temos Gato NET”.

Perguntamos aos alunos se os programas televisivos com linguagem violenta poderiam contribuir no aumento da agressividade dos jovens, em especial no comportamento em sala de aula com professores e colegas de sala. Em ambas as escolas a resposta afirmativa foi a maioria, apresentando mais da metade das indicações dos entrevistados.



E.E. Jardim Beatriz



Colégio Escrevivendo

“Na minha opinião, a televisão às vezes é importante para nos informar e muitas vezes apresenta coisas ruins. Eu acho que a televisão ensina coisas boas mas também induz os jovens à agressividade”. (Natália – 6ª série – Jardim Beatriz)

“A televisão deforma o jovem com roubos apresentados nas novelas e as brigas que mostram nos desenhos e nos filmes. A televisão tem seu lado bom e ruim: o bom é que nos jornais apresentam coisas para melhorar as notas na escola...e quando apresentam imagens ruins, as crianças e os jovens assistem e isso leva à violência.” (Raquel – 5ª série – Jardim Beatriz)

4.2 – A TV no dia-a-dia dos professores

Os professores das duas escolas assistem TV, em média, 2 horas por dia, com uma maior frequência no período noturno. Nos finais de semana, os docentes dedicam mais tempo ao aparelho em busca de conteúdos informativos, educativos e, sobretudo, entretenimento.

Assim como os alunos entrevistados, o principal meio de comunicação utilizado para manter-se informado sobre os acontecimentos da atualidade é a televisão. Os programas jornalísticos e documentários são os mais citados, seguidos de novelas e seriados.

Quando indagados sobre se a televisão exerce influência na formação de crianças e adolescentes, os professores das duas instituições foram unânimes na resposta positiva.

Ainda em relação a esta questão, os professores justificam que o indivíduo que está em processo de formação absorve tudo o que está em seu entorno. O fato é que a linguagem televisiva se destaca neste contexto. Os jovens assumem valores, atitudes, gírias, enfim, modismos lançados pela TV. Segundo uma professora da escola estadual, “os jovens ficam muito expostos ao aparelho sem um necessário controle dos pais” e “por tratar-se de uma região carente e recheada de exemplos ruins, os jovens absorvem facilmente valores negativos, deixando de lado os bons exemplos”.

“A televisão influencia muito no comportamento das crianças e adolescentes. Deveria haver maior preocupação das emissoras em oferecer mais programas que agreguem valores positivos na educação das crianças. Como se não bastasse a violência do dia-a-dia, ao ligarem a televisão, encontram mais do mesmo”

(Professora de Geografia – E.E. Jardim Beatriz)

Os professores também acreditam que alguns programas de televisão, com uma linguagem mais violenta e grosseira, contribuem no aumento da agressividade e no comportamento ruim em sala de aula, com maior destaque para o “afloramento precoce da sexualidade”, inquietação e linguajar grosseiro. Alguns docentes frisam que muitos jovens assistem aos programas televisivos com os irmãos ou sozinhos. Os pais ficam ausentes a maior parte do dia por motivo de trabalho, e essa ausência

diária deixa distante a figura do responsável que impõe limites. A falta de limites é levada para a sala de aula.

“A criança e o adolescente de hoje permanecem muito tempo diante da televisão. Devido ao grande índice de violência, os pais preferem que seus filhos fiquem em casa com a “babá eletrônica”. Este meio de comunicação deveria estar mais preocupado com sua contribuição na formação de bons cidadãos. Programas como os que incentivam a preservação do meio ambiente, a amizade, a solidariedade deveriam ser melhor explorados, ao contrário do que acontece hoje. Acredito que a mídia forma opiniões e comportamentos, mas até que ponto são positivos?”

(Professor de Educação Física – E.E. Jardim Beatriz)

Nas duas escolas, os professores resumem um programa educativo ao estilo de programação da TV Cultura. Eles utilizam vídeos ou programas educativos em sala de aula e afirmam comentar sempre sobre programas, filmes e documentários apresentados nos canais abertos de televisão.

Quando indagados sobre a disponibilidade de recursos audiovisuais na escola, os professores do Colégio Escrevivendo disseram ter facilidade para reserva e utilização. Na Escola Estadual Jardim Beatriz, os professores afirmaram ter conhecimento do equipamento, embora a sua utilização não seja estimulada pela coordenação pedagógica.

O Colégio Escrevivendo conta com acervo videográfico disponível para o professor. Na Escola Estadual Jardim Beatriz, com exceção de um docente, os professores dizem não ter conhecimento de um acervo audiovisual.

Todos concordam que um programa de TV ou filme relacionado ao conteúdo apresentado pelo professor, se bem utilizado, contribui no aumento do interesse dos alunos e facilita a compreensão da matéria.

“A televisão é indispensável no processo ensino e aprendizagem, uma vez que ela abrange conteúdos diversos para públicos diversos. O professor deve ser o mediador da linguagem televisiva, pois o aluno (assim como a maioria da sociedade) não consegue discernir o “jogo” ideológico que esse meio de comunicação desenvolve com tanta eficácia. Os telespectadores são fantoches.

A dificuldade está em mostrar as formas de manipulação das grandes emissoras. Acredito que a melhor forma de provar isso é estimulando a comparação da linguagem com outras mídias .“

(Professora de Língua Portuguesa – E.E. Jardim Beatriz)

4.3- Síntese dos resultados

De acordo com a opinião de alunos e professores das escolas pesquisadas nos bairros de Vila Progresso e Cidade Líder (zona leste de São Paulo), os programas que apresentam cenas de sexo e violência podem influenciar no desenvolvimento de crianças e adolescentes; no entanto, não necessariamente são eles ou a televisão que estimulam a mudança de comportamento em sala de aula. Segundo as entrevistas, é justamente a falta de imposição de limites por parte dos pais (não apenas em relação à televisão) que leva os jovens a um comportamento inadequado.

As crianças e adolescentes do extremo leste paulistano gostam de assistir televisão e, por vezes, dedicam ao aparelho mais tempo do que dedicariam à outra atividade, inclusive brincar e estudar. Os jovens preferem assistir programas que mesclam humor, música, competição, ação e aventura e utilizam o meio de comunicação como a principal fonte de informação, porém os programas jornalísticos e educativos são as últimas opções deste público. Durante a semana, os entrevistados assistem aos seus programas prediletos antes de ir para a escola (alunos que estudam no período vespertino), depois das aulas (alunos que estudam no período diurno) e também no período noturno. Nos finais de semana, assistem televisão com mais frequência durante a manhã e a noite.

Uma parte dos entrevistados classificou os programas educativos como legais e a outra acredita que eles poderiam ser mais atrativos, oferecendo mais diferenciais para chamar a atenção do público telespectador e não tentando se posicionar como mais uma extensão da escola. Neste caso, os alunos do colégio particular foram mais criteriosos.

Um fato curioso é que programas com uma linguagem popular oferecem entretenimento fácil e, conseqüentemente, conquistam a audiência dos jovens. Os jovens entrevistados demonstraram saber discernir o que é bom ou ruim na televisão; porém, as suas respostas mostram que permanecem indiferentes à questão da qualidade e continuam a prestigiar estas atrações.

Muitos alunos assistem televisão sozinhos e, quando apresentam dúvidas sobre algum assunto disseminado pelo meio de comunicação, é para os pais que as

crianças e os adolescentes direcionam suas perguntas. O professor é pouco lembrado.

Os discentes das duas instituições de ensino acreditam que a utilização da televisão com vídeos e ou programas de televisão relacionados ao conteúdo em debate torna o ensino mais interessante e facilita a compreensão. No entanto, esta prática é pouco utilizada na escola estadual, mesmo quando oferecidos todos os recursos audiovisuais necessários. O professor, por sua vez, também utiliza a televisão para manter-se informado, acredita que o meio influencia facilmente a criação de novos hábitos e costumes, especialmente entre os jovens e concorda que o debate acerca do assunto é importante, mas raramente discute ou utiliza os assuntos disseminados pelo meio televisivo em sala de aula, somente de vez em quando.

Considerações Finais



Considerações finais

A televisão na contemporaneidade

Presente em mais de 40 milhões de lares brasileiros, a TV apresenta-se como o principal meio disseminador de hábitos, costumes e informações. Muito embora as mídias impressa e radiofônica exerçam influência sobre as pessoas, é pela televisão que o grande público busca informação. Ela reina soberana na preferência nacional diante dos demais meios.

Quando a televisão foi implantada no Brasil, na década de 50, desenhava-se como um meio de comunicação com o poder de agradar a um grande número de pessoas, pela linguagem fácil que oferecia. A televisão trazia para o conforto dos lares a junção do som com a imagem, experiência possível, até então, apenas nas salas de cinema.

Do mesmo modo que a TV despertou interesse no público, também chamou a atenção dos anunciantes, que viram nela a possibilidade de aumentar seus lucros. Alguns estudiosos a observaram simplesmente como um aparelho que poderia causar sérios danos mentais e visuais para aqueles que permanecessem diante de sua tela durante muito tempo.

Hoje, o discurso acerca da televisão mostra-se mais evoluído em relação ao momento de sua implantação. Este meio de comunicação que antes foi “demonizado”, atualmente se faz presente na vida dos brasileiros, ocupando papel de destaque diante de outros aparelhos eletro-eletrônicos. É evidente que o debate atual acontece muito mais sob a ótica das novas tecnologias, sobre os diferenciais e vantagens que a era digital agregou aos aparelhos, e, em menor quantidade, sobre os efeitos da programação na sociedade.

O presente trabalho analisou os estudantes matriculados no Ensino Fundamental (I e II) de duas escolas da Zona Leste de São Paulo, a partir da sua condição de telespectadores, e buscou avaliar os impactos da programação em seu comportamento, em especial dentro de sala de aula. Por intermédio de investigações (principalmente nas áreas da comunicação e educação), buscamos verificar se as

atrações que contam com cenas impróprias para a idade do alunado acarretam mudanças de comportamento e aumento da agressividade. Também buscamos verificar se a falta de controle dos pais diante daquilo que os filhos assistem pode desencadear um comportamento inadequado, em especial dentro da sala de aula.

Inicialmente, verificamos que, de fato, a TV exerce centralidade no espaço público brasileiro, e algumas empresas de comunicação muito contribuíram neste processo. Nada que se manifeste fora da tela da TV é admitido, porém tudo o que é disseminado pelos programas televisivos é visto com credibilidade. Não existe uma maior preocupação com o conteúdo, busca-se apenas audiência.

Os telespectadores, especialmente aqueles em processo de formação, se identificam com a gramática televisiva e, inconscientemente, são acometidos pelos interesses implícitos dos concessionários. Para que os objetivos do mercado sejam alcançados, é preciso segmentar, dividir o público entre consumidores reais e potenciais de maneira heterogênea. As grades de programação têm o poder de criar estas relações estratégicas e, para tanto, buscam-se pautas dentro da sociedade. Falas naturais, que sempre estiveram presentes no cotidiano, são retiradas e devolvidas ao público telespectador. Este condicionamento do público tem início desde a primeira infância, na composição das atrações oferecidas para o público infantil. As indústrias de brinquedos e alimentos que financiam esta programação lucram com a comercialização de produtos baseados nos ícones criados para o universo infantil.

A linguagem utilizada pela televisão visa integrar o público por meio de situações e símbolos conhecidos por ele. É comum a criação de mitos para facilitar a identificação do telespectador com a mensagem que se quer transmitir.

A televisão está sempre à disposição, oferecendo a sua companhia a qualquer hora do dia ou da noite, alimentando o imaginário da criança e do adolescente com todo tipo de fantasias e desejos. Muitos teóricos a condenam por oferecer assuntos banais que não contribuem para a disseminação da informação, da cultura e da educação na sociedade.

Toda civilização democrática sempre buscou a transmissão de conhecimento, e os concessionários fazem justamente o contrário. É um direito do cidadão previsto em constituição o acesso a uma programação que lhe ofereça educação, cultura e

informação, além do entretenimento puro. No entanto, nem sempre este direito é cumprido.

A lei que regulamenta o uso do espectro televisivo em território brasileiro é bastante antiquada (foi redigida na década de 60) e dá margem para que os concessionários trabalhem em torno de interesses próprios. Com estas vantagens, a televisão tornou-se uma valiosa ferramenta de vendas e manipulação social e sofre com uma censura invisível, determinada pelos anunciantes, viabilizando apenas o que apresenta interesse comercial.

Esta “censura” rege a produção televisiva e o público encontra poucas fugas. Por causa de uma exposição constante à uma programação de má qualidade, o telespectador passa a prestigiar aquilo que é ruim e a depreciar as tentativas de mudança.

A “TV Cultura” é um exemplo de emissora que tenta oferecer programas de qualidade que unificam educação e entretenimento. Porém, por ser um caso isolado, se vê obrigada a competir com demais canais de TV, e, para garantir a sua produção, é levada a aceitar os incentivos de instituições privadas, as mesmas que financiam a briga pela audiência.

Em suma, a programação televisiva brasileira, com raras exceções, contribui com a formação das futuras gerações. A sua linguagem comercial impõe a lógica da realização dos desejos. Devido à rapidez com que as informações são apresentadas, as crianças e os adolescentes não são levados a pensar, e sim a desejar: busca-se apenas entretenimento. O direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços comunicacionais que respeitem a sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento é “maquiada” em uma grade de programação que visa oferecer apenas uma linguagem fácil, com o único propósito de agradar ao mercado.

Uma questão de limites

Ao analisar as pesquisas, confirmamos aquilo que outros estudos do gênero evidenciam: a televisão exerce uma posição privilegiada perante outras tecnologias da informação e é vista pelo público infantil e adolescente como a principal

disseminadora de informações sobre acontecimentos da contemporaneidade. Os programas jornalísticos, apesar de não serem os mais assistidos pelo público em questão, apresenta grande credibilidade entre as crianças e adolescentes.

A linguagem fácil e atrativa da televisão prende a atenção dos jovens durante horas: verificamos que a maioria dos estudantes permanece mais tempo diante da televisão do que na realização de outra atividade, inclusive os estudos. A televisão oferece um sem número de informações que, sem uma mediação adulta ou uma intervenção que permita uma leitura crítica do meio, dá margem para que o educando interprete os conteúdos mais diversos de maneira simplista, criando conexões com a realidade que nem sempre são positivas na sua formação como cidadão, como ser social.

Na tentativa de se fazer cumprir o artigo 221 da constituição brasileira, o Ministério da Justiça implantou, sobre protestos das emissoras, a nova classificação Indicativa, um instrumento regulador que indica a adequação ou inadequação de conteúdos audiovisuais para determinada faixa de idade. Porém, é uma ação que não oferece efeito caso não exista a manifestação dos pais e responsáveis.

Vivemos em uma época em que os pais apresentam-se mais “liberais” em relação à educação de seus filhos e, conseqüentemente, existe uma maior flexibilização dos conceitos morais e dos limites que antes eram impostos às crianças e adolescentes dentro do seio familiar. Hoje, as crianças fazem o que querem, assistem ao que tem vontade. Tal afirmação tem amparo nas pesquisas que comprovam que os estudantes entendem a simbologia empregada pelo sistema de classificação indicativa, mas frisam que, sem a imposição de limites dos pais, tal advertência é ignorada.

Os estudantes (especialmente aqueles que apresentam um poder aquisitivo melhor) assistem aos seus programas prediletos, a maior parte do tempo, desacompanhados e gostariam de que seus responsáveis direcionassem o que deveriam ou não assistir. A necessidade de trabalhar faz com que pais e mães sejam mais ausentes na vida de seus filhos e, por conseqüência, os jovens permaneçam mais tempo sozinhos.

A televisão vem antes da escola

A educação tem início no seio familiar e ganha novas dimensões no momento em que o indivíduo passa a criar relações exteriores. Antes do contato com a escola, a televisão abastece o indivíduo de valores que podem influenciar no seu pensar, agir e comportar.

A crianças e os adolescentes apresentam capacidade de criar preposições teóricas, fazem as mediações entre as informações disseminadas pelos veículos de comunicação e a sua vida cotidiana. A exposição demasiada a uma programação ruim aumenta o limiar de tolerância diante dos problemas e, conseqüentemente, o conformismo diante de uma má situação – o que pode gerar conflitos de cunho emocional.

Foi constatado na pesquisa que a família, representada primeiramente pelos pais e, na seqüência, pelos irmãos, é a referência do educando para sanar dúvidas relacionadas à TV. Apesar de toda cobrança que se aplica à escola e ao professor no que diz respeito à educação dos alunos, quando se trata de televisão, é em casa que os alunos buscam respostas e referências.

A escola, meio institucionalizado onde a educação se realiza, tem o papel de oferecer ao aluno valores e padrões sociais por meio da educação formal, contribuindo na formação humanística do educando. Trata-se de um elemento transformador integrante de um sistema social que, pela figura do professor, busca conduzir o aluno para o mundo adulto. Para os docentes entrevistados, o indivíduo que passa pelo processo de formação pode absorver valores de tudo que está em seu entorno e a linguagem televisiva se destaca neste contexto. Programas violentos e com uma linguagem grosseira, sem a interferência da família, culminam no aumento da agressividade e mau comportamento em sala de aula.

Na visão dos professores e dos próprios alunos das duas escolas pesquisadas, os programas que apresentam uma linguagem inadequada para a idade dos estudantes desencadeiam um comportamento impróprio em sala de aula. Porém, a falta de imposição de limites e a não observação dos pais sobre aquilo que seus filhos assistem, com certeza, é o fator de maior influência.

Diante da ausência dos pais e responsáveis, a televisão exerce um poder significativo na formação moral, social e intelectual dos jovens que, dia após dia, mostram-se indiferentes aos problemas contemporâneos.

Cabe aos pais selecionar o que é adequado ou não para seus filhos assistirem, bem como tirar proveito das informações que as crianças e adolescentes recebem para potencializar a sua educação.

Apesar destas constatações, acreditamos que a hipótese deste trabalho é parcialmente comprovada. Verificamos que os instrumentos de avaliação utilizados nesta pesquisa foram insuficientes para retratar o comportamento dos alunos como um todo e definir a influência negativa da televisão na vida dos estudantes.

Televisão e comportamento

Estudos lançados em fóruns de TV mostram que, apesar de toda banalidade apresentada na programação, o jovem consegue discernir entre o certo e o errado e isso contribui nos aspectos lúdicos e no repertório pessoal. No entanto, não é o que o professorado observa nas salas de aula. A televisão apresenta um grande potencial formativo, porém programas que primam pelo humor, sensacionalismo e agressividade tendem a chamar mais a atenção do público sem contribuir positivamente no seu desenvolvimento. A inquietação, o linguajar grosseiro e o afloramento precoce da sexualidade são as principais manifestações observadas pelo professor em ambiente escolar, em especial nas instituições públicas.

Verificamos que o público entrevistado está acostumado à violência apresentada nos programas televisivos, então não existe uma maior reflexão sobre o assunto, especialmente em seus lares: toda responsabilidade é remetida para a sala de aula, para a figura do professor. Com efeito, os jovens conseguem perceber a presença e influência da televisão na sua vida e na vida da sociedade, mas, de maneira geral, apresentam uma grande dificuldade para identificar uma atração com fins educacionais e outra cujo objetivo principal seja o entretenimento. É válido frisar que numa análise de preferências, os conteúdos educativos e informativos dividiram os últimos lugares entre os jovens, perdendo inclusive para atrações que

apresentam um maior apelo à violência. Mesmo assim, os entrevistados avaliam os programas educativos de maneira positiva.

Os jovens observam a utilização da TV dentro da sala de aula como um recurso positivo. Pela pesquisa de campo, tivemos a possibilidade de verificar que esta prática já é adotada na escola particular, porém não é utilizada pelo colégio estadual. A televisão pode ser um excelente instrumento pedagógico e deveria ser incorporado ao cotidiano das instituições de ensino. Por mais que seja constantemente acusada pela sociedade como um instrumento negativo na formação da criança e do adolescente como ser social, a televisão não é um problema e sim um potencial aliado na construção da personalidade e do repertório do indivíduo.

Acreditamos que, além da maior presença dos pais no controle das atrações que seus filhos prestigiam na TV, o debate público sobre o que é bom e ruim para a formação da criança e do adolescente deva ser conduzido de maneira mais séria. Produtores e concessionários devem ser mais pressionados quanto à qualidade daquilo que é exibido, vislumbrando os potenciais problemas que eles podem ocasionar.

Toda emissora deve apresentar, em sua grade de programação, atrações de cunho educacional associado à linguagem que os jovens gostam e procuram, sem tornar-se necessariamente uma extensão da escola. Estes programas devem ser exibidos em horários em que os jovens realmente assistem televisão.

O Estado e os órgãos competentes deveriam investir em pesquisas e cursos que envolvessem docentes do Ensino Fundamental, capacitando-os a trabalhar com a linguagem dos meios de comunicação, em especial com a da televisão. Assim, estimularia e possibilitaria a inclusão, nos planos de ensino de disciplinas básicas, uma proposta de leitura crítica do meio televisivo, tendo em vista que os estudantes têm contato com assuntos diversos e que nem todos são esclarecidos ou trabalhados devidamente.

Ao atribuímos diálogos entre comunicação e educação, estamos proporcionando condições de desenvolvimento a uma sociedade mais justa, culta e reorientada nos processos formadores do mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas



Referências Bibliográficas

AXELROD, Alan. **Ciência a jato**. Tradução Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro, Record, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia (org); FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.

BOLAÑO, C. **Indústria Cultural: Informação e Capitalismo**. São Paulo, Ed. HUCITEC, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004

CARSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (orgs.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **A criança e a mídia: Imagem, Educação, Participação**. São Paulo: Cortez, 2002.

CASTELLS, Manuel – **A sociedade em rede (a era da informação: economia, sociedade e cultura)** vl.1 – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. São Paulo, Editora Senac, 2004.

CONTRERA, Malena Segura. “Publicidade e Mito”, in CONTRERA, Malena Segura (org.) **Publicidade e Cia.**, São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

DUARTE, Elizabeth Bastos & CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

LASSWELL, Harold. “**A estrutura e a função da comunicação na sociedade**” in COHN, Gabriel (org). *Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo, EDUSP, 1971.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. *A Melhor TV do Mundo: o modelo britânico de televisão*, São Paulo: Summus, 1997

_____. *Atrás das Câmeras - Relações entre Cultura, Estado e Televisão*. São Paulo, Summus editorial, 1988.

_____. *A TV Sob Controle – A resposta da sociedade ao poder da televisão*. São Paulo, Summus editorial, 2006.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1979.

MELLO, Elson Rezende de. **Encontros e desencontros: Relações da Escola com a televisão**. Minas Gerais: Dissertação do Curso de Mestrado da Universidade Federal de Minas Gerai, 1998.

MERTON, Robert; LAZARSELD, Paul. “**Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social**”, in LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da Cultura de Massa, 4ª Ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1996.

MONTEZ, Carlos. BECKER, Valdecir. (2005) **TV Digital Interativa: Conceitos, desafios e Perspectivas para o Brasil**. Florianópolis.

MORAN, José Manuel (org), MASETTO, Marcos Tarciso, BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo:Ed. Papirus, 2000.

MUSSEN, Paul Henry (org). **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Ed. Harbra, 1990.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (org). **A vida com a TV – O poder da televisão no cotidiano**. 2ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

POPPER, Karl; CONDRY, John. **Televisão: Um perigo para a democracia**. Lisboa: Gradiva, 1999.

SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. IN: Caderno Mais, Folha de São Paulo. São Paulo, 02/09/2001, p. 8.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002. 22 ed.

SHAPIRO, Carl; VARIAN, Hal R.. **A economia da informação: como os princípios econômicos se aplicam à era da Internet**. Tradução Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

STRAUBHAAR, Joseph D. LAROSE, Robert.. **Comunicação, Mídia e Tecnologia**. Tradução José Antônio Lacerda Duarte. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

VIVARTA, Veet (org.). **O grito dos inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Remoto Controle: Linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Classificação Indicativa: Construindo a cidadania na tela da tevê**. Brasília, Andi, 2006.

Sites Pesquisados:

<http://www.riosummit2004.com.br/noticias> - acessado em 18 de agosto de 2007.

<http://www.tvcultura.com.br> – acessado em 02 de abril de 2008.

<http://www.saomiguelpaulista.com.br> – acessado em 02 de maio de 2008.

<http://www.noticiasdeitaquera.com.br> – acessado em 02 de maio de 2008.

Anexos



Questionário Professores

Disciplina que leciona: _____

Séries que leciona: () 5ª () 6ª () 7ª () 8ª () 9ª

Escola: _____

1) Quanto tempo você dedica à televisão?

- () menos de 1 hora por dia () 3 horas por dia
() 1 hora por dia () 4 horas por dia
() 2 horas por dia () mais de 4 horas por dia

2) Você geralmente assiste TV:

- () no período da manhã () no período da tarde () no período da noite

() com mais frequência nos finais de semana

3) De que forma você se mantém informado sobre acontecimentos da atualidade?

- () rádio () televisão (telejornais)
() Internet () Jornal Impresso
() revista () com os professores (colegas) na escola

4) Escreva o nome dos programas que você gosta de assistir na ordem de sua preferência:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

6- _____

5) O que mais lhe agrada em um programa televisivo?

(você pode marcar mais de uma alternativa)

- () humor () romance
() bons exemplos de cidadania () conteúdos informativos
() ação e aventura () luta ou violência
() conteúdos educativos () Jogos e músicas
() imagens da periferia () fofocas de celebridades

6- No seu ponto de vista a televisão exerce influência na formação da criança e do adolescente?

Comente a sua opinião.

() Sim () Não

7- Programas de TV podem contribuir com o aumento da agressividade e comportamento do alunado em sala de aula? Comente a sua opinião.

() Sim () Não

8) O que você considera um programa educativo?

10) Cite o nome de um programa que você considera educativo e outro não-educativo:

educativo _____

não Educativo _____

11) Você procura utilizar conteúdos exibidos na TV como um facilitador no processo ensino e aprendizagem?

() sim () não () quando possível

12) Você comenta ou indica programas de televisão que julga interessante para o crescimento intelectual ou cívico de seus alunos?

() sim () não () as vezes

13) A escola onde você leciona disponibiliza recursos audiovisuais como TV, Vídeo, DVD para apoio em sala de aula?

() sim () não () sim, mas a utilização não é estimulada ou recomendada

14) A escola onde você leciona possui acervo videográfico?

() sim () não () desconheço

15) No seu ponto de vista, a utilização do vídeo na sala de aula torna o ensino:

() mais interessante () facilita a compreensão da matéria () não contribui em nada

Caso julgue necessário, utilize o espaço abaixo para comentar anseios e dificuldades no processo ensino e aprendizagem ou outros assuntos relacionados à televisão.

Questionário Alunos

Nome: _____ Idade: _____ Série _____

Escola: _____

- 1) Você gosta de assistir televisão?
 sim não as vezes
- 2) De segunda à sexta-feira, em qual horário você costuma assistir seus programas prediletos?
 manhã tarde noite
- 3) E nos finais de semana?
 manhã tarde noite
- 4) Quanto tempo você dedica à televisão?
 menos de 1 hora por dia 3 horas por dia
 1 hora por dia 4 horas por dia
 2 horas por dia mais de 4 horas por dia
- 5) Em casa, quanto tempo você dedica aos estudos?
 menos de 1 hora por dia 4 horas por dia
 1 hora por dia mais de 4 horas por dia
 2 horas por dia não estuda em casa
 3 horas por dia
- 6) Você geralmente assiste TV:
 sozinho com amigos com os irmãos com os pais ou parentes
- 7) De que forma você se mantém informado sobre acontecimentos da atualidade?
 rádio televisão (telejornais)
 jornal bate-papo com os amigos
 revista com os professores na escola
- 8) Escreva o nome dos programas que você gosta de assistir na ordem de sua preferência:
 1- _____
 2- _____
 3- _____
 4- _____
 5- _____
 6- _____
- 9) O que mais lhe chama atenção em um programa televisivo?
(você pode marcar mais de uma alternativa)
 humor romance
 luta do bem contra o mal conteúdos informativos
 ação e aventura violência
 conteúdos educativos Jogos e músicas
 imagens da periferia artistas bonitos e famosos
- 10) Quando você não entende algo que viu na TV, você pergunta para:
 seus pais seus professores não pergunta
 seus irmãos seus amigos

11- No seu ponto de vista a televisão exerce influência na formação da criança e do adolescente?
() Sim () Não

12- Em caso afirmativo explique se esta influência é positiva ou negativa e exponha a razão de sua opinião:

13) Você acha que programas televisivos com linguagem violenta podem contribuir com o aumento da agressividade entre os jovens?

() sim () não

Explique seu ponto de vista

14) O que você considera um programa educativo?

15) Você acha os programas educativos:

() Chatos () Legais () atrativos () poderiam ser mais atrativos

16) Cite o nome de um programa que você considera educativo e outro não-educativo:

educativo _____

não Educativo _____

17) Os assuntos que você vê na escola tem relação com o que você vê na televisão?

() sim () não () mais ou menos

18) Os professores comentam os programas de televisão na escola?

() sim () não () as vezes

19) Seus professores utilizam vídeos para auxiliar na explicação de uma matéria?

() sim () não () as vezes

20) No seu ponto de vista, a utilização do vídeo na sala de aula torna o ensino:

() mais interessante () facilita a compreensão da matéria () não contribui em nada

